



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR**  
**ESPECIALIZAÇÃO EM SOCIEDADE, MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO**  
**SUSTENTÁVEL NA AMAZÔNIA**

**ÂNDREA COLARES**

**O PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO E GERAÇÃO RENDA IMPLEMENTADO**  
**POR UMA ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL NA CIDADE DE SANTARÉM,**  
**PARÁ**

**SANTARÉM**

**2013**

**ÂNDREA COLARES**

**O PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO E GERAÇÃO RENDA IMPLEMENTADO  
POR UMA ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL NA CIDADE DE SANTARÉM,  
PARÁ**

Monografia apresentada ao Centro de  
Formação Interdisciplinar da  
Universidade Federal do Oeste do Pará,  
como requisito parcial para a conclusão  
do Curso de Especialização em  
Sociedade, Meio Ambiente e  
Desenvolvimento Sustentável na  
Amazônia

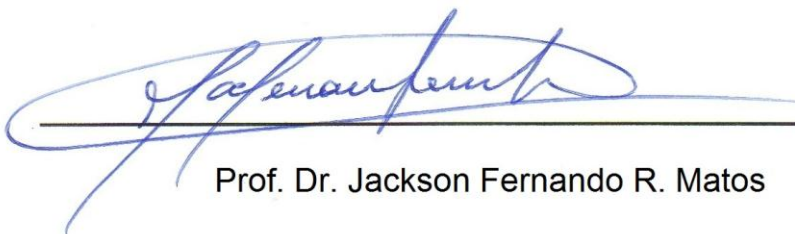
Orientador Prof. Dr. Jackson Fernando R. Matos

**SANTARÉM**

**2013**

**ÂNDREA COLARES**

**O PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO E GERAÇÃO RENDA IMPLEMENTADO  
POR UMA ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE CIVIL NA CIDADE DE SANTARÉM,  
PARÁ**



---

Prof. Dr. Jackson Fernando R. Matos



---

Profª Msc. Andréa Simone Rente Leão



---

Profª Msc. Ednéa do Nascimento Carvalho

**SANTARÉM**

**2013**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
Sistema Integrado de Gestão da Informação – SIGI/UFOPA

---

C683p Colares, Ândrea

O programa de desenvolvimento e geração renda implementado por uma organização da sociedade civil na cidade de Santarém, Pará / Ândrea Colares. – Santarém, 2013.

70 f.: il.

Inclui bibliografias.

Orientador Jackson Fernando R. Matos.

Monografia (Especialização) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Curso de Especialização em Sociedade, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável na Amazônia. Santarém, 2012.

1. Desenvolvimento Sustentável. 2. Artesanato – Aspectos econômicos. 3. Artesanato – Aspectos sociais. 4. Santarém (PA). I. Matos, Jackson Fernando R., *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 338.927

---

Bibliotecário - Documentalista: Mayco Ferreira Chaves – CRB/2 1357

A todos os seres da Amazônia.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Projeto Saúde & Alegria pela disponibilidade ao aprendizado.

Aos Professores da especialização, pelo carinho e dedicação em compartilhar suas vivências profissionais.

Ao Prof. Jackson Matos por aceitar me orientar.

Aos colegas da especialização, em especial Jader, Fabrício, Brenda, Rider, Edenira, Maria José, Graciede, Erika e Washington pela vivência e ensinamentos nas discussões e trabalhos.

Aos amigos Railene, Rúbia, Júlia, Cristina, André, Lúcia, Sérgio, Renata, Roberto-Borô, Betania, presentes nesse período de crescimento, pelo carinho e palavras de incentivo, amo vocês.

Ao Prof. Pedro Leal pelas conversas iniciais sobre meu projeto de pesquisa, essenciais para o entendimento necessário.

A minha Mãe e à minha Irmã por tudo o que representam na minha vida.

Ao Paulo Jasiel pela dedicação onipresente em colaborar na revisão do texto, amo você.

Aos meus anjos da guarda.

## RESUMO

Esta monografia analisou o Programa Artesanato da Floresta para a geração de renda em comunidades ribeirinhas da região de Santarém/PA, executado pelo Projeto Saúde & Alegria. O objetivo geral da pesquisa foi avaliar as dimensões ambiental e socioeconômica presentes no Programa Artesanato da Floresta. A pesquisa traz dados coletados junto à instituição responsável pelo Programa observado e da investigação em campo, realizada na comunidade de Arimum, rio Arapiuns. Os resultados trazem a metodologia organizacional e de gestão proporcionada aos seis grupos de artesãos; as características do manejo das matérias-primas trabalhadas nas comunidades e da produção das peças de artesanato; as práticas comerciais para venda do artesanato desses seis grupos; o montante comercializado anualmente em artesanato por esses seis grupos; e o perfil socioeconômico dos artesãos de um dos grupos componentes do Programa. Os resultados permitiram analisar os fatores pretendidos e inferir que o Programa Artesanato da Floresta será considerado como um modelo sustentável de geração de renda para comunidades amazônicas, quando suprir as lacunas resultantes de questões práticas com o manejo das matérias-primas e com o protagonismo comercial dos grupos de artesãos.

Palavras-chave: Amazônia. Artesanato. Manejo comunitário.

## RESUMEN

Esta monografía tubo por objetivo evaluar el Programa Artesanía de la Floresta para la generación de renta en comunidades riberiñas de la región Santarém/PA, ejecutado por el Proyecto Salud y Alegria. El objetivo general de la investigación fué analizar las dimensiones ambientales y socioeconomicas presentes en el Programa Artesanía de la Floresta. La investigación trae datos colectados la institución responsable por el Programa observado y de la investigación en campo, hecha en la comunidad Arimum, en el rio Arapiuns. Los resultados traen la metodología organizacional y de gestión proporcionada a los seis grupos de artesanos: las características del manejo de las materias primas trabajadas en las comunidades y de la producción de los objetos de artesanía; las practicas comerciales para venta de la artesanía de estos seis grupos; la cantidad comercializada por año en artesanía por estos seis grupos; y el perfil socioeconómico de los artesanos de uno de los grupos componentes del programa Artesanía de la Floresta, será evaluado como modelo sostenible de generación de renta para las comunidades amazónicas, cuando completen los espacios vacios resultantes de cuestiones practicas con el manejo de las materias primas y con el protagonismo comercial del grupo de artesanos.

Palabras clave: Amazon. La artesanía. La gestión comunitaria.

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Cobertura vegetal do bioma Amazônia .....	18
Mapa 2 – Mapa parcial dos territórios de Santarém e Belterra .....	29
Mapa 3 – Localização geográfica das Comunidades que constituem o Programa Artesanato da Floresta .....	31
Mapa 4 – Mapa territorial da Comunidade de Arimum, rio Arapiuns.....	50

## LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Indivíduos adultos da palmeira tucumã ( <i>Astrocaryum vulgare</i> Mart.).....	33
Foto 2 – Palhas da folha da palmeira tucumã secando ao sol.....	34
Foto 3 – Palhas de tucumã tingidas com pigmentos naturais.....	34
Foto 4 – Imagem ilustrativa da característica do trançado do Grupo TucumARTE.....	36
Foto 5 – Imagem ilustrativa da característica do trançado do Grupo Brasil.....	37
Foto 6 – Imagem ilustrativa da característica do trançado do Grupo Sacai.....	37
Foto 7 – Imagem ilustrativa da característica do trançado do Grupo Jararaca.....	38
Foto 8 – Imagem ilustrativa da característica do trançado do Grupo ArtePalha.....	38

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Elenco de Grupos do Programa Artesanato da Floresta e os itens de suas respectivas linhas de produtos.....	39
Quadro 2 – Grupos do Programa Artesanato da Floresta, suas respectivas linhas de produtos e preços praticados para a venda direta ao consumidor.....	44

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados da comercialização de produtos dos 06 Grupos integrantes do Programa Artesanato da Floresta no ano de 2011.....	48
Tabela 2 – Dados parciais da comercialização de produtos dos 06 Grupos integrantes do Programa Artesanato da Floresta no ano de 2012, entre os meses de janeiro a outubro.....	48
Tabela 3 – Composição da renda mensal das famílias do Grupo Jararaca, da Comunidade de Arimum.....	53

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Informações referentes ao gênero, faixa etária e escolaridade dos dez componentes do Grupo Jararaca.....	51
Gráfico 2 – Representação das entidades das quais participam os artesãos do Grupo Jararaca e/ou seus conjuges.....	52

## LISTA DE SIGLAS

EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FEPAM–BAM	Feira da Produção Familiar do Baixo Amazonas
FAO	Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação
FSC	<i>Forest Stewardship Council</i>
DS	Desenvolvimento Sustentável
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEFLOR	Instituto de Desenvolvimento Florestal / Pará
IDESP	Instituto de Desenvolvimento Econômico / Pará
IMAFLORA	Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola
IMAZON	Instituto do Homem e Natureza
IPÊ	Instituto de Pesquisas Ecológicas
NAEA – UFPA	Núcleos de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará
PET	Politereftalato de etileno
SEBRAE	Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
TECBOR	Tecnologia da Borracha
UICN	União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais
WWF-BRASIL	<i>World Wide Fund of Nature</i>

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 REVISÃO DA LITERATURA, HISTÓRIA E OUTROS ELEMENTOS .....	16
2 RESULTADOS.....	27
3 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	54
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61
APÊNDICE .....	65

## INTRODUÇÃO

Esta monografia pretendeu analisar parte de quatro anos de trabalho da organização Projeto Saúde & Alegria, com o Programa Artesanato da Floresta. Trata-se de uma iniciativa para o desenvolvimento local, em comunidades ribeirinhas da região de Santarém, oeste paraense, reunindo artesãos em grupos organizados, qualificando-os para a gestão do empreendimento coletivo, produção e manejo da matéria-prima, incentivando as ações e estratégias de comercialização, para garantir a geração de renda complementar das famílias envolvidas, buscando a autonomia de gestão, sustentabilidade ambiental e viabilidade social e econômica das comunidades onde desenvolve tais atividades.

Algumas organizações da sociedade civil (também designadas como organizações não governamentais) têm um papel relevante na elaboração e execução de experiências piloto, possíveis de replicação em contextos similares àqueles dos experimentos originais. Em organizações com foco de atuação na Amazônia, os programas relacionados à conservação e uso dos recursos naturais pelas populações indígenas e tradicionais requerem ações integradas, que valorizem ou incentivem aspectos culturais grupais herdados da ancestralidade de povos nativos deste bioma, hoje aspectos inerentes ao convívio humano em áreas comunitárias, cujo número de criações é crescente.

As comunidades rurais inseridas em territórios de uso coletivo, caso dos assentamentos e unidades de conservação, apresentam um potencial capital natural para viabilizar soluções econômicas baseadas na própria floresta. Uma dessas iniciativas, foco do presente estudo, é o Programa Artesanato da Floresta, desenvolvido pela organização Projeto Saúde & Alegria, concebido como um modelo alternativo sustentável de geração de renda na área rural do município de Santarém, Pará. A pesquisadora deste estudo faz parte da equipe técnica da organização Projeto Saúde & Alegria.

Esse contexto proporcionou a escolha do Programa Artesanato da Floresta como tema de pesquisa, cuja hipótese de trabalho baseou-se na concepção de qualificar este Programa como modelo para o desenvolvimento sustentável em comunidades tradicionais na Amazônia. Assim, o objetivo geral da pesquisa foi analisar as dimensões ambiental e socioeconômica presentes no programa de

geração de renda desenvolvido pelo Projeto Saúde & Alegria, no município de Santarém, Pará. Para tanto, foi proposto: 1) descrever a metodologia utilizada para o processo de formação e gestão coletiva dos grupos de artesãos integrantes do Programa; 2) detalhar o processo de produção do artesanato da cestaria em palha de tucumã pelos grupos integrantes do Programa; 3) identificar os procedimentos de manejo das matérias-primas empregadas na produção do artesanato dos grupos; 4) minuciar a metodologia de precificação e a comercialização dos produtos dos Grupos inseridos no Programa; 5) sistematizar os dados referentes à comercialização dos grupos; e 6) caracterizar socioeconomicamente os integrantes de um dos grupos do programa Artesanato da Floresta.

O presente trabalho foi realizado na cidade de Santarém, localizada no oeste do estado do Pará, Brasil. A pesquisa teve uma abordagem descritiva, na qual os dados foram coletados junto à instituição responsável pelo Programa pesquisado, por meio de consulta aos arquivos e técnicos responsáveis pela execução do Programa, e pelas observações inferidas em campo e no cotidiano urbano e rural da pesquisadora, moradora e profissional da cidade de Santarém. A pesquisa de campo, realizada na comunidade de Arimum, obedeceu ao uso de questionários com perguntas do tipo fechadas (APÊNDICE A), aplicados junto aos artesãos do Grupo Jararaca de Artesanato. Foram realizadas pesquisas bibliográficas, por meio de livros, revistas e na rede mundial de computadores.

No capítulo um, encontra-se a revisão da literatura, os aspectos históricos e os elementos observados *in loco*, alusivos aos temas relacionados à pesquisa. Trata-se da biodiversidade encontrada na Amazônia e o uso destes recursos pelas populações deste bioma, particularmente, o extrativismo e manejo dos produtos florestais não madeireiros; a manufatura do artesanato em palha de tucumã na cidade de Santarém; e a abordagem do desenvolvimento sustentável neste contexto. No segundo capítulo estão apresentados os resultados da pesquisa; no terceiro capítulo a análise dos resultados obtidos; e no quarto capítulo, as considerações finais.

## 1 REVISÃO DA LITERATURA, HISTÓRIA E OUTROS ELEMENTOS

### 1.1 A biodiversidade da floresta amazônica, o uso e as potencialidades de seus recursos naturais.

A floresta amazônica é valorizada por sua diversidade biológica e animal, por seu extenso território e sua cultura, formando a imagem caracterizada por uma teia de relações que a definem como a maior floresta tropical úmida do mundo. Nela o sistema de produção diferenciado advém do processo evolutivo do aprendizado e compreensão mútua da natureza pelo homem. O bioma amazônico é o habitat natural de milhares de espécies de seres vivos, sendo diversas delas endêmicas desta região, que em seus ambientes silvestres, em condições normais, interagem com o homem harmoniosamente, construindo um conhecimento tradicional próprio e peculiar em cada ecossistema que de acordo com seus signos e códigos locais, influenciam as interações e o manejo, colaborando com a variabilidade de espécies, ampliando positivamente a riqueza natural da floresta e sistemas aquáticos.

Tamanha diversidade genética não apresenta explicação aceita unanimemente, a mais debatida e questionada baseia-se na teoria dos refúgios, proposta em 1969 pelo alemão Jürgen Haffer, corroborada por pesquisadores brasileiros como Aziz Ab'Saber e Paulo Vanzolini (BORELLI, 2005), indicando que as alterações climáticas da era geológica recente (Cenozoica), foram igualmente responsáveis por isolamentos geográficos florestais, como sucessivas fragmentações de habitats, resultando na especiação<sup>1</sup>, corroborando a teoria evolutiva de Darwin (HAFFER; PRANCE, 2002). Entretanto, um vasto campo de estudos e pesquisas pode se empreender na Amazônia, um exemplo disto ocorre com as novas teorias advindas de recentes pesquisas que adentram no mundo mítico amazônico e na visão de mundo que muitas populações tradicionais estabelecem a partir da relação com outras espécies e ambientes.

---

1 O termo especiação refere-se a uma derivação gênica em uma determinada população, resultando em nova(s) espécie(s).

A diversidade biológica resulta, dentre outros fatores, numa cobertura vegetal heterogênea dos ecossistemas amazônicos. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2004), a Amazônia ocupa uma área aproximada de 4,2 milhões de quilômetros quadrados do território brasileiro, ou seja, 49,29% da área total do Brasil. Neste bioma predominam as florestas ombrófilas densas e abertas e as florestas estacionais decíduais e semidecíduais, ocorrendo também savanas, campinaranas e estepes (BRASIL, 2006), conforme apresentado no mapa 1. Estima-se que o reino Plantae seja constituído por 43.020 a 49.520 espécies no Brasil, enquanto que no mundo, esses números variam entre 263.800 a 279.400 espécies (BRASIL, 2011).

Porém, a biodiversidade das florestas brasileiras vem sendo ameaçada por diversos mecanismos exploratórios. O mais impactante deles é representado pelo desmatamento, seja para a exploração madeireira, em primeiro plano, ou para fins agropecuários. Segundo Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2011), essa diminuição e a degradação de habitats, possuem outras causas como a expansão agrícola [destaque são os grãos para exportação], a entrada e estabelecimento de espécies exóticas invasoras, o uso do fogo na agricultura de corte e queima e a poluição e contaminação das águas e solos.

O compromisso objetivo em estudar e promover estratégias de integrar o uso sustentável da biodiversidade em setores relevantes, programas e políticas a ela relacionadas, é papel dos países signatários da Convenção sobre Diversidade Biológica, caso do Brasil. Parcela significativa do conhecimento sobre o uso sustentável e a conservação desta diversidade é atribuído aos povos indígenas e comunidades tradicionais, por conta de seu saber empírico sobre o manejo racional dos recursos ambientais (UICN et al., 2011), da otimização do aproveitamento do que se extrai da floresta, sua valoração e significado. Somente na região norte, que abriga considerável área da Amazônia Legal, são aproximadamente 343.000 indivíduos indígenas, segundo censo IBGE (2010) e 357 comunidades remanescentes quilombolas e milhares de comunidades caboclas (CAPOBIANCO et al., 2001).



É neste cenário que os produtos florestais não madeireiros encontram-se inseridos e representam, em significativa parte dos casos, uma alternativa para a exploração sustentável dos recursos, por meio do manejo florestal no Brasil. No presente contexto, considera-se a definição do termo produtos florestais não madeireiros apresentado por Wickens (1991) na revista *Unasylya* da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), na qual caracteriza os produtos florestais não madeireiros como:

“[...] todo e qualquer material biológico, exceto a madeira para a industrialização, extraídos de ecossistemas naturais, plantações manejadas, etc, a serem utilizados dentro do âmbito familiar ou comercializados, ou ter um significado social, cultural ou religioso. Assim, os produtos florestais não madeireiros incluem plantas usadas para alimentos, forragem, combustível, remédios, fibras, bioquímicos, etc, bem como animais.” (WICKENS, 1991, p. 3).

No Brasil, o IBGE disponibilizou resultados de pesquisa sobre a produção e extração vegetal. Neste estudo o IBGE classifica os produtos do extrativismo vegetal em borrachas: látex, sorva; ceras: carnaúba (cera e pó) e outras; fibras: buriti, carnaúba, piaçava e outras; tanantes: angico, barbatimão e outros; oleaginosas: babaçu, copaíba, cumaru, licuri e outras; alimentícios: açaí, castanha de caju, castanha-do-pará, erva-mate, palmito e outros; aromáticos, medicinais, tóxicos e corantes: ipecacuanha, jaborandi, urucu e outros (IBGE, 2010).

Os produtos florestais não madeireiros tiveram recentemente reconhecido seu papel na economia do Brasil por meio de uma iniciativa do governo brasileiro através dos ministérios do Desenvolvimento Agrário, do Meio Ambiente e do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e outros colaboradores, foi o chamado Plano Nacional de Promoção das Cadeias de Produtos da Sociobiodiversidade. De acordo com as conceituações utilizadas no Plano, produtos da sociobiodiversidade são:

“[...] bens e serviços (produtos finais, matérias-primas ou benefícios) gerados a partir de recursos da biodiversidade, voltados à formação de cadeias produtivas de interesse dos povos e comunidades tradicionais e de agricultores familiares, que promovam a manutenção e valorização de suas práticas e saberes, e assegurem os direitos decorrentes, gerando renda e promovendo a melhoria de sua qualidade de vida e do ambiente em que vivem.” (BRASIL, 2009, p.9).

A iniciativa visa apoiar povos e comunidades, culturalmente manejadores desses produtos da sociobiodiversidade, na definição de mercados alternativos, a fim de construir um cenário diferente do atual panorama de desenvolvimento

(BRASIL, 2009). As cadeias de produtos da sociobiodiversidade incluem o açaí, o baru, mangaba, pequi, umbu, babaçu, borracha extrativa (látex da seringueira) e a castanha-do-brasil. O governo federal priorizou inicialmente o fortalecimento das cadeias do babaçu e da castanha-do-brasil.

Na Amazônia, o Instituto do Homem e Natureza (IMAZON) destacou em suas publicações e pesquisas o manejo e a comercialização dos produtos florestais não madeireiros, das espécies alimentícias do açaí (*Oleocarpus* sp.), da castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa*), do buriti (*Mauritia flexuosa*); das espécies oleaginosas da andiroba (*Carapa* sp.), do babaçu (*Orbgynea* sp.), da copaíba (*Copaifera* sp.); a espécie medicinal da unha-de-gato (*Uncaria* sp.); e da espécie fornecedora de borracha, a seringueira (*Hevea brasiliensis*) (PINTO et al., 2010).

As espécies alimentícias apontadas pelo IMAZON (PINTO et al., 2010) apresentam outros usos: babaçu e buriti têm suas folhas transformadas em fibras para o emprego em diversas peças de artesanatos típicos da Amazônia; as sementes de açaí e os caroços de babaçu são empregados na confecção das bijoias. Comunidades remanescentes de quilombos em Oriximiná (PA) criam peças utilitárias através dos ouriços de castanha-do-brasil para a venda; uma artesã em Santarém transforma os ouriços em acessório feminino e em vasilhas para servir pequenas porções de alimento.

Na Floresta Nacional do Tapajós (Belterra, Pará), o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), a autarquia responsável pela gerência executiva desta unidade de conservação até o ano de 2008<sup>2</sup>, programou e executou ações para a diversificação de produtos florestais não madeireiros como couro vegetal – proveniente do látex, do qual são confeccionados objetos artesanais: bolsas, estojos e miniaturas de animais – e os óleos vegetais (SOARES, 2004) nas comunidades de Maguari (couro ecológico originário do látex da seringueira), São Domingos, Pedreira e Nazaré (grupos dos óleos). Na comunidade de Jamaraquá, a Fundação Banco do Brasil em parceria com a Universidade de Brasília, desenvolveu o projeto “Tecnologia da Borracha”, o TECBOR, para a produção de mantas elásticas destinadas a indústria pneumática,

---

2 A partir do ano de 2008, a gestão de unidades de conservação nacionais passou a ser executada pelo Instituto Chico Mendes da Biodiversidade

das quais os artesãos junto com uma profissional do designer desenvolveram outros produtos – colares e blocos de anotações.

No Pará, o Instituto de Desenvolvimento Florestal (IDEFLOR) em parceria com o Instituto de Desenvolvimento Econômico (IDESP), Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e o NAEA – UFPA (Núcleos de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará), realizaram entre os anos de 2009 e 2010 o Estudo das Cadeias de Comercialização de Produtos Florestais Não Madeireiros, com o objetivo de definir o papel desses produtos na economia do Estado. Foram analisadas cinco regiões de integração do Estado: Guamá, Rio Caeté, Baixo Amazonas, Xingu e Marajó e em cada uma, as cadeias dos produtos em potencial foram pesquisadas (PARÁ, 2011). Os relatórios individuais das cinco regiões apontam os produtos de destaque, dentre as cadeias pesquisadas do Baixo Amazonas desponta a da castanha-do-brasil (renda bruta de R\$71 milhões); nas regiões do Guamá, Rio Caeté e Marajó se destacou a cadeia do açaí (renda bruta R\$88/R\$16/R\$690 milhões, respectivamente); e na região do Xingú a amêndoa do cacau lidera a pesquisa com R\$1,54 bilhão em circulação (PARÁ, 2011).

No relatório técnico das cadeias de comercialização dos produtos florestais não madeireiros na Região de Integração Baixo Amazonas (que inclui o município de Santarém) constam 63 cadeias analisadas, dentre as quais: castanha-do-brasil, açaí, cumaru, malva, copaíba, cupuaçu, mel de abelha, cacau, tucumã (fruto), artesanato regional, cipó, taperebá, borracha (látex), andiroba, curauá, buriti e outros. Em se tratando do artesanato regional, a pesquisa envolveu os produtos confeccionados com as palhas do buriti e tucumã, para essa cadeia o montante comercializado no período de 2009 a 2010 foi de R\$95.803,24, um pouco mais de 70% da produção é destinada ao varejo urbano local (PARÁ, 2011).

## **1.2 O artesanato de cestaria em palha de tucumã no município de Santarém**

Os artefatos são confeccionados milenarmente pelos povos indígenas, descendentes dos povos ameríndios (SOUSA, 2009), utilizando matéria-prima advinda das florestas onde os ocorre por toda a Amazônia, para fins tradicionais e culturais, em especial como utilidades domésticas. O artesanato evoluiu dos

artefatos, enraizados na cultura, com produção similar a deste último, mas destinado ao mercado (LIMA, 2006 apud SOUSA, 2009).

No imaginário de populações indígenas amazônicas, o surgimento da cestaria é relatado historicamente pela tradição oral, através de uma lenda na qual é narrado que este artefato teria surgido a partir do encontro de índios com uma cobra grande. A observação do arquétipo dos grafismos impressos no corpo deste animal, coloridos nos tons de vermelho e preto, teria sido o objeto de inspiração, do qual os indígenas começaram a reproduzir o padrão das escamas, formando o entrelaçado das palhas e os desenhos em suas peças. A cobra grande é um dos mitos amazônicos que inspira medo e ao mesmo tempo admiração nos habitantes ribeirinhos, pelos atos atribuídos a este ser lendário.

Na cidade de Santarém, constata-se a recente influência externa nessa produção, oriunda das demandas do mercado, o que levou ao aperfeiçoamento do artesanato como se conhece atualmente na região de Santarém. Por se tratar de material orgânico e extingüível, é difícil precisar o período de surgimento da cestaria, diferentemente das cerâmicas tapajônicas e marajoaras, datadas em poucos milhares de anos através de elementos radioativos presentes em sua composição. Amorim (2000) relata o uso de cestaria, tecelagem e cerâmica pelas índias das etnias tupaiú e tapajó. Segundo esta autora, os viajantes portugueses registraram o encontro com essas artesãs e suas peças no séc. XVII.

A produção das cestarias de tucumã (*Astrocaryum vulgare* Mart.) geralmente é atribuído das mulheres na região de Santarém. Os relatos pessoais dos artesãos demonstram que a tradição de tecer a palha é culturalmente transmitida através das gerações. Em diversas comunidades ribeirinhas no rio Arapiuns, mães, avós, tias e irmãs mais velhas, ensinam ou simplesmente são observadas pelas crianças, durante a confecção das peças. Os pequenos por sua vez, meninas e meninos, começam a trançar a palha por curiosidade, mas com habilidade. É notório, porém tímido, o envolvimento de homens na atividade artesanal desta cestaria, confeccionando as peças ou auxiliando suas esposas na coleta da palha de tucumã.

O manejo e a conservação da espécie tucumã para fins artesanais não constitui um princípio para uma significativa parcela de artesãos em Santarém. Esta espécie é encontrada na Amazônia (OLIVEIRA et al., 2003) e na região do rio Arapiuns predomina a ocorrência em matas secundárias, onde parece ter uma adaptação ideal em áreas cultivadas para outros fins, caso dos roçados. Apresenta

rápido crescimento e regeneração e uma alta produtividade quando encontrada na forma de touceiras. Em estudo realizado durante doze meses por Oliveira (2003), sobre a biologia da polinização da palmeira tucumã, constatou-se a emissão de folhas novas (guias) durante o ano todo.

As palhas de tucumã utilizadas para a fabricação dos cestos são encontradas na estrutura do broto foliar na palmeira, ou seja, é a folha jovem ou “guia”, como costumam chamar os artesãos. Os artesãos produtores da cestaria em palha de tucumã costumam produzir um número limitado de peças em termos de diversidade. É comum encontrar disponíveis à comercialização os cestões ou balaios – peças grandes utilizadas para armazenar objetos; os chamados discos ou descansos de panelas – com a finalidade de protegerem superfícies do calor de alguns utensílios domésticos; as bolsas ou cestas de feira; as caixas ou porta-joias com tampa; e as porta-cuias – peça côncava destinada a abrigar as cuias usadas para servir o tacacá, protegendo do calor as mãos de quem se delicia com essa iguaria tipicamente paraense.

As palhas precisam ser tingidas com algum tipo de pigmentação, o que permite o emprego dos grafismos nas peças. Tradicionalmente, o modo de pigmentação da palha baseia-se no uso de fontes naturais de tingimento. São plantas que possuem em alguma de suas estruturas pigmentos capazes de fixarem-se nas palhas secas do tucumã. Nakazono (2007), citou em sua tese o uso do jenipapo (*Genipa americana*), do urucu (*Bixa orellana*), do crajiru (*Arrabidaea chica* (Humb.& Bonpl.)), da mangarataia (*Curcuma* sp.), e da capiranga para o tingimento da palha do tucumã. As folhas, frutos ou raízes destas plantas, são pilados ou ralados, acrescentados a mistura de água e palha seca para a fervura, resultando em palhas tingidas.

As fontes de pigmentos produzem diferentes cores. O jenipapo produz um tom preto azulado, urucu a cor laranja, crajiru tons de marrom e vermelho, mangarataia a cor amarela e capiranga o roxo (NAKAZONO, 2007). As artesãos produzem outras cores através das combinações das distintas fontes. Para a obtenção do verde, a mistura é feita com o jenipapo e a mangarataia; jenipapo e crajiru produzem tons escuros, como o preto e marrom. Essas palhas coloridas permitem o emprego dos grafismos e desenhos durante a produção das cestarias.

Em Santarém, muitos artesãos abandonaram o uso dessas fontes de pigmentação natural e passaram a empregar a anilina como tintura para a palha do

tucumã, uma pigmentação artificial industrializada. A produção deste tipo de corante artificial é considerado poluente, pois sua composição é sintética e derivada do petróleo e carvão mineral (FERREIRA, 1998 apud AMARAL, 2009). No entanto, observações esporádicas em lojas do mercado local da cestaria em palha de tucumã e pelos relatos de artesãos, há uma parcela de consumidores que preferem as peças tingidas com anilina. Amplia-se a oferta de produtos ao utilizarem-se certas cores proporcionadas pela anilina, como a cor azul anil, rosa e os tons de verde e lilás, o que geralmente não ocorre com as fontes naturais de pigmentação.

As peças de cestaria em palha de tucumã são confeccionadas por moradores de diversas comunidades de Santarém nos rios Tapajós, Arapiuns e Amazonas. Porém, não há um registro preciso sobre quantas são as comunidades e quantos são os produtores. De modo geral, a produção não é organizada ou padronizada. Os integrantes de uma família ou de um núcleo familiar produzem as suas peças e comercializam de modo individual no mercado de Santarém ou em suas comunidades (por meio de encomendas ou durante visitas de um público externo à comunidade). Não existe o hábito de comercializá-las durante as festas religiosas e esportivas nas comunidades. Os comerciantes locais compram as peças por preços não recompensáveis e os fatores que contribuem para isto são a alta oferta desse tipo de cestaria, a falta de comprometimento dos comerciantes com seus fornecedores e a quase inexistência de grupos, associações ou cooperativas de artesãos no município de Santarém.

### **1.3 Desenvolvimento sustentável**

O desenvolvimento das sociedades humanas contemporâneas tem sido apreciado pelo avanço dos processos tecnológicos e sociais, com efeito no nível da qualidade de vida almejada. Mundialmente, a ideia de desenvolvimento consolidou-se sobre o cunho econômico. Maluf (2000) aborda essa temática contextualizando os aspectos intrínsecos a esta dimensão (econômica) em países latino-americanos, atrelando-os à industrialização e à produtividade. Contudo, este autor alerta que a demanda pelo crescimento econômico é motivo para rever os atuais meios de desenvolvimento, dos quais resultam problemas sociais, seja o elevado nível de disparidade na distribuição da renda, seja a pobreza nos países latino-americanos.

Essa confluência do processo de desenvolvimento e crescimento econômico é criticada por Banerjee (2006), ao destacar a pressão socioambiental exercida pelo modelo. Para ele, a temática ambiental teve forte influência na reflexão e percepção críticas, resultando na concepção de outro conceito de desenvolvimento, num outro nível de complexidade, o desenvolvimento sustentável (DS). O desenvolvimento sustentável tornou-se uma expressão amplamente difundida, quando da percepção sobre a esgotabilidade dos recursos ambientais disponíveis e sua relação com a economia global. O fator ambiental é igualmente abordado por Leff (2010), em sua análise sobre o momento em que a economia reconhece a importância do meio ambiente equilibrado para a sua sustentabilidade, configurando-o como uma das externalidades do sistema econômico.

A necessidade de criar uma nova economia alicerçada em uma racionalidade ambiental, fruto da passagem de uma economia entrópica para a neguentrópica, ou seja, uma economia ressurgida nos princípios ecológicos e culturais – originária dos processos produtivos naturais, da organização ecológica e cultural dos povos – visando a sustentabilidade é enfatizada por Leff (2010). Desse modo, o autor destaca “todas as sociedades tradicionais geraram uma economia produzindo a partir da produtividade da natureza” (LEFF, 2010, p.29), sugerindo que a busca pela sustentabilidade deve ignorar essa alcunha antiecológica do modelo econômico atual e “reconhecer e reincorporar à economia a produtividade da natureza e a criatividade da cultura” (LEFF, 2010, p.29).

Essa relação entre sociedade e ambiente é considerada por Cechin (2010) ao abordar aspectos ambientais vinculados ao desenvolvimento de alguns agrupamentos humanos, como aquele de terras localizadas na Nova Guiné, cujos membros são manejadores responsáveis e praticam a produção sustentável de alimentos a partir de um modelo de agricultura praticada há sete mil anos. Este caso exemplifica a indagação do autor a respeito da existência ou não da sustentabilidade ambiental no desenvolvimento de sociedades. O enfoque da discussão proposta por este autor está na consideração de que “A sobreutilização dos recursos ambientais é uma armadilha a que nenhum agrupamento humano está imune” (CECHIN, 2010), referindo-se a problemas ambientais como desmatamento, sobrepesca e sobrecaça, contaminação por produtos tóxicos, necessidade de fontes de energia entre outros.

Aparentemente, equacionar essas questões provocadas por esses autores e outros não citados neste trabalho, pode ser representado através de uma proposição

de Sachs (1993). Ele defendeu o uso do termo ecodesenvolvimento, cuja variação foi transformada em desenvolvimento sustentável. O ecodesenvolvimento tem suas dimensões de sustentabilidade estritamente concebidas relacionando-as com o ambiente:

– “sustentabilidade social” propõe a construção de uma sociedade equitativa na repartição da renda e dos bens, a fim de reduzir o distanciamento e as divergências entre as camadas sociais;

“sustentabilidade econômica” aspecto que objetiva elevar a qualidade da eficiência econômica através do total gerenciamento dos recursos, devendo ser medida em termos macrossociais;

– “sustentabilidade ecológica” deve ser alcançada através de medidas do cotidiano, diminuindo o impacto causado pela extração e uso dos recursos naturais, substituição de fontes não renováveis de energia ou de recursos por fontes alternativas, diminuição da poluição e de resíduos;

– “sustentabilidade espacial” busca o equilíbrio do contexto rural-urbano, com a justa disposição territorial das ocupações humanas e adequação dos espaços destinados às atividades econômicas, protegendo áreas frágeis ou ameaçadas, modelos alternativos e mais eficientes de agricultura com baixo impacto;

– “sustentabilidade cultural” – trata-se da valorização da origem endógena, que “traduzam o conceito normativo de ecodesenvolvimento em um conjunto de soluções específicas para o local, o ecossistemas, a cultura e a área”.

Os temas apresentados neste capítulo foram construídos com a intenção de contextualizar e relacionar a diversidade biológica florestal e cultural da região amazônica, seus usos, ameaças e potencialidades para o desenvolvimento sustentável. A seguir, o próximo capítulo tem por finalidade apresentar o estudo sobre a iniciativa do Programa Artesanato da Floresta para o desenvolvimento sustentável local de comunidades ribeirinhas da região de Santarém.

## 2 RESULTADOS

### **Contexto histórico do programa artesanato da floresta**

O Programa Artesanato da Floresta é desenvolvido e executado pelo Projeto Saúde & Alegria, em comunidades ribeirinhas na região de Santarém. O Projeto Saúde & Alegria é uma organização não governamental, presente na Amazônia desde 1985, atuando em comunidades rurais dos municípios de Santarém, Belterra, Aveiro e Juruti, no oeste do Estado do Pará. Denomina-se uma instituição civil, sem fins lucrativos, que desenvolve programas integrados visando melhorar a qualidade de vida e o exercício da cidadania.

O Projeto Saúde & Alegria originou-se de uma experiência do médico Eugênio Scannavino e da arte-educadora Márcia Gama, para o atendimento público de saúde na zona rural do município Santarém. Este período de trabalho nas comunidades possibilitou aos dois entender que a maioria das doenças diagnosticadas por este médico poderia ser evitada. A partir de então, surge a filosofia Saúde & Alegria, com a realização de atendimento médico nas comunidades aliado às ações de prevenção e educação para a redução de ocorrência destas doenças com medidas relativamente simples, como a melhoria nas condições de higiene (PROJETO SAÚDE & ALEGRIA, 2007).

Com o passar do tempo, o amadurecimento do trabalho e as demandas das comunidades possibilitaram a evolução do Projeto Saúde & Alegria e a atuação em outros campos, baseando-se na proposta de desenvolvimento comunitário integrado. Atualmente, as comunidades beneficiadas contam com os Programas de Saúde; Educação, Cultura e Comunicação; e Desenvolvimento Territorial. Este último Programa executa atividades de apoio à gestão comunitária e territorial, ao ordenamento fundiário e ambiental, aos planos de desenvolvimento e aos empreendimentos sustentáveis. (PROJETO SAÚDE & ALEGRIA, 2007).

A análise desta pesquisa foi direcionada ao Programa de Geração de Renda, atualmente executado pelo Núcleo dos Empreendimentos Sustentáveis. A experiência inicial do Programa foi desenvolvida na comunidade de Urucureá, a partir do ano de 1995. O Grupo TucumARTE reúne os artesãos da comunidade, conhecida localmente pelo colorido característico de suas peças. Trata-se de um grupo autônomo organizacionalmente, com registros de participação em eventos

relacionados à sustentabilidade ambiental e social (PROJETO SAÚDE & ALEGRIA, 2008a).

O TucumARTE teve sua matéria-prima e seus produtos certificados pelo *Forest Stewardship Council* (FSC) (PROJETO SAÚDE & ALEGRIA, 2008a). Esse certificado garantiu que a palha de tucumã utilizada na produção artesanal provém de florestas manejadas de forma ambientalmente correta, que as artesãs têm seu trabalho valorizado e respeitado legalmente e economicamente, dentre outros benefícios para a comunidade de Urucureá (GRUPO TUCUMARTE, 2009). Esse certificado tem uma validade de 05 anos e atualmente está em processo de negociação entre a comunidade e a certificadora, para sua renovação ou não.

O conhecimento e a prática da metodologia participativa desenvolvida pelo Projeto Saúde & Alegria nesta comunidade permitiu a expansão do Programa, em 2008, para outras 05 comunidades produtoras da cestaria em palha de tucumã (Arimum, Vila Brasil, Vila Gorete, São Miguel) e em tala de jacitara (Vila Amazonas). Por tratar-se de um dos tipos de artesanato tradicional da região, a cestaria em palha de tucumã é o principal artesanato trabalhado pelo Programa Artesanato da Floresta, pois os artesãos têm familiaridade e habilidade manual para produzir esse tipo de cestaria. Contudo, novos aspectos foram introduzidos: o emprego dos princípios do designer, visando o melhoramento e acabamento refinado; o incentivo ao uso de técnicas de pigmentação natural tradicionais; novas tramas com a palha.

### **2.1 A formação dos grupos de artesanato do programa artesanato da floresta<sup>3</sup>**

O processo de expansão do Programa Artesanato da Floresta para outras novas comunidades foi baseado na experiência e trabalho realizado pelo Saúde & Alegria na comunidade Urucureá. Este processo envolveu um levantamento para a definição de quais comunidades seriam agregadas. Primeiramente junto ao Sindicato de Trabalhadores Rurais de Santarém e às federações e associações

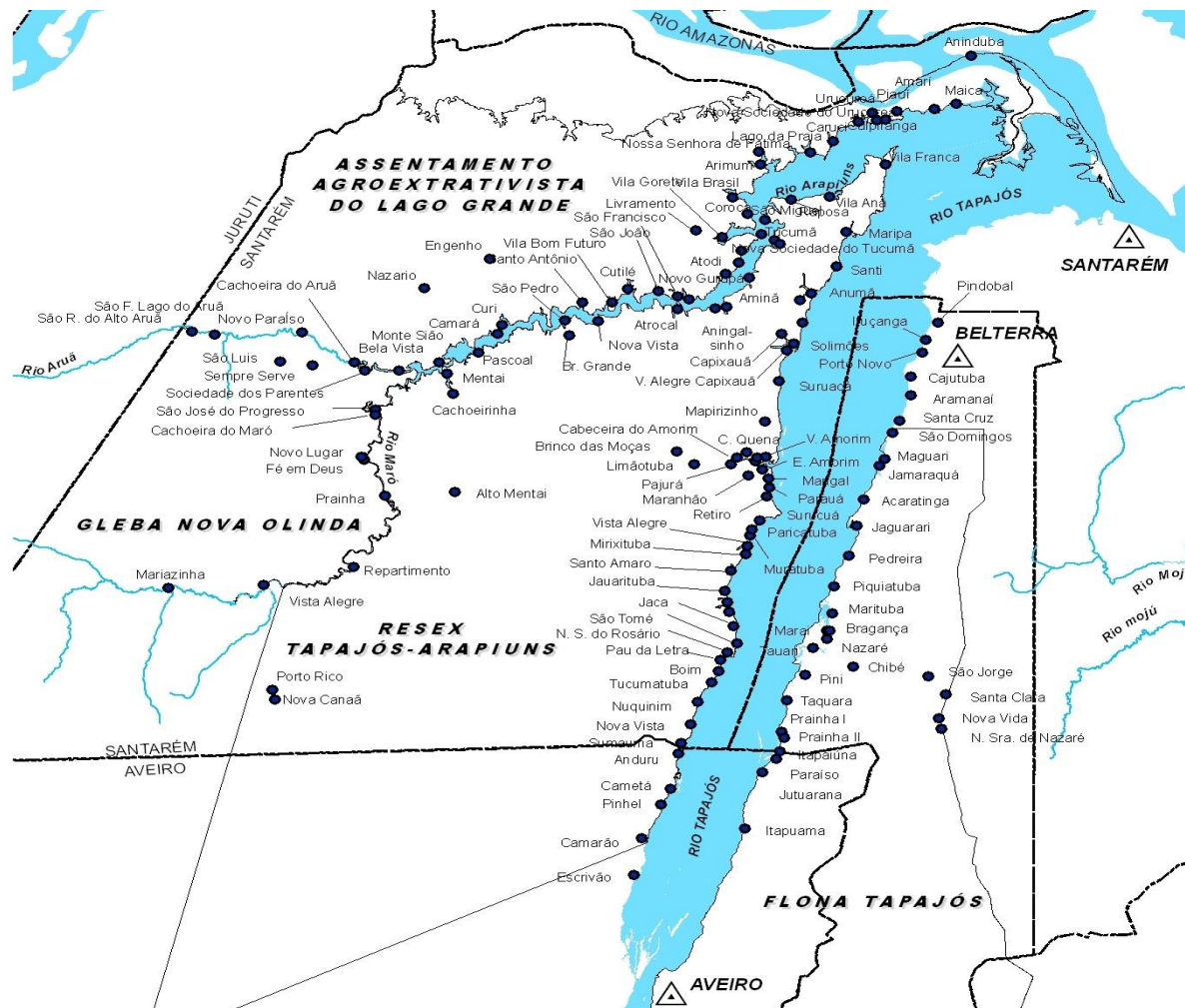
---

<sup>3</sup> Esta seção é resultado de consultas aos relatórios internos do processo de expansão do Programa Artesanato da Floresta – Projeto Saúde & Alegria para novas comunidades, nos anos de 2008 (PROJETO SAÚDE & ALEGRIA, 2008b) e 2009 (PROJETO SAÚDE & ALEGRIA, 2009b); e aos documentos do regimento interno dos grupos de artesanato do Programa Artesanato da Floresta (PROJETO SAÚDE & ALEGRIA, 2009b).

existentes nos territórios de interesse, seguido do diagnóstico em campo, iniciado pelas comunidades do rio Arapiuns e na sequência, nas comunidades do Lago Grande, rio Amazonas.

Na microrregião do Lago Grande, foram pesquisadas apenas comunidades presentes no Assentamento Agroextrativista Lago Grande; a microrregião do rio Arapiuns envolveu comunidades inseridas na Reserva Extrativista Tapajós Arapiuns e no Assentamento Agroextrativista Lago Grande (MAPA 2). Esta última microrregião é reconhecida em Santarém como potencial fornecedor de cestaria em palha de tucumã. As duas microrregiões tiveram cerca de 50 comunidades indicadas para integrarem-se a expansão do Programa.

MAPA 2 – Mapa parcial dos territórios de Santarém e Belterra



FONTE: Projeto Saúde & Alegria, 2008.

Deste número de comunidades analisadas, a equipe de técnicos do Projeto Saúde & Alegria realizou uma triagem, considerando a situação da produção de

artesanato em cada uma destas e elegeram-se cerca de 20 comunidades para o reconhecimento técnico da equipe *in loco*. As comunidades foram reconhecidas por meio de um questionário do tipo aberto, cujos aspectos analisados consistiram em: número de artesãos produtores, qualidade do teçume, disponibilidade de matéria-prima, originalidade e criação das peças e o conhecimento/uso de pigmentos naturais. Além da análise das peças produzidas.

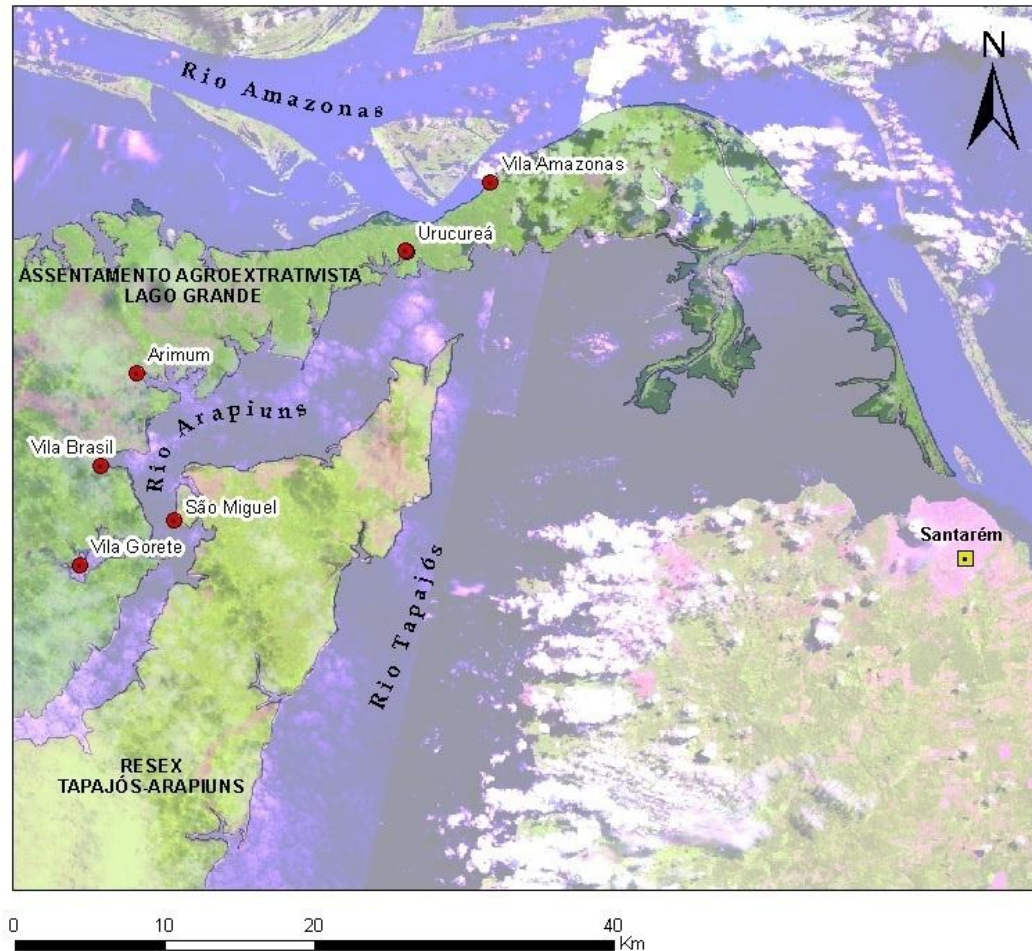
Aspectos organizacionais da comunidade também foram considerados no processo de escolha, pois o grupo de artesanato é um daqueles que compõem socialmente a comunidade, artesãos que integram outros grupos de sua localidade, têm certa aptidão em trabalhar coletivamente. A participação da Associação de Moradores no processo de levantamento e da implantação do Programa foi necessária. Em certas ocasiões, como na definição das áreas de manejo da matéria-prima para o artesanato e as necessidades jurídicas para legalidade de ações, esta Associação deverá ser consultada e tem poder de influenciar no resultado dos trabalhos realizados.

Após esta análise do reconhecimento das 20 comunidades, a equipe de técnicos procedeu a escolha de quais comunidades seriam beneficiadas pelo Programa. Foram 08 comunidades selecionadas, 07 localizadas no rio Arapiuns e 01 no rio Amazonas. Definidas as comunidades, a equipe de técnicos do Projeto Saúde & Alegria apresentou o plano de trabalho do Projeto a cada uma delas. Na mesma ocasião foi realizada a aplicação do questionário socioeconômico junto a todas as famílias das comunidades. Essa ferramenta permitiu determinar o perfil das famílias e gerou dados para o marco zero do projeto, a partir do qual foi possível mensurar e, futuramente, monitorar os impactos da nova atividade realizada. O questionário utilizado foi do tipo fechado, onde o entrevistado limitou-se a responder direta e objetivamente perguntas referentes às características familiares e individuais, renda da família, produção familiar (agricultura, criação de animais, extrativismo) e segurança alimentar.

Destas 08 comunidades selecionadas, 03 delas já estavam reunidas em uma associação de artesãos. As artesãs das comunidades integrantes desta associação participaram de algumas oficinas do projeto, mas os resultados obtidos desta experiência não correspondiam ao esperado e, portanto, após as constantes avaliações dos técnicos do projeto, foi decidido desfazer a parceria com estas localidades, reduzindo assim o número de 08 para 05 novas comunidades

beneficiadas pelo Programa Artesanato da Floresta. Desse modo, o Programa passa a trabalhar com 06 comunidades (somando 102 artesãos), ou seja, as 05 recém agregadas e Urucureá, como ilustrado no mapa 3.

MAPA 3 – Localização geográfica das Comunidades que constituem o Programa Artesanato da Floresta.



#### Localização no Pará



#### Legenda

- Comunidades envolvidas
- Sede Municipal
- Assentamento Agroextrativista Lago Grande
- Resex Tapajós-Arapiuns

#### Parâmetros Cartográficos

Mosaico de Imagens Landsat  
Orbitas/Ponto: 227/62 - 228/62  
Composição Colorida (R5, G4, B3)

Escala 1:350.000

FONTE: Projeto Saúde & Alegria, 2010.

Nessas 05 novas comunidades do Programa foram formados os Grupos de Artesanato. A equipe de técnicos do Projeto Saúde & Alegria recomendou que a coordenação fosse composta por 03 cargos principais, com suas respectivas

competências – coordenador geral, coordenador de produção e coordenador financeiro, constituindo-se de 06 artesãos no total, ou seja, cada uma das coordenações é ocupada por 02 pessoas (semelhante ao sistema titular e suplente). A ideia de ter 02 artesãos para cada cargo surgiu durante a escolha dos coordenadores, quando os técnicos perceberam a insegurança dos artesãos em assumir essa responsabilidade perante o Grupo, dessa forma o espírito de cooperação trouxe a confiança necessária para os voluntários a estes cargos.

O papel desses coordenadores foi constituído quando da criação do regimento interno, documento que regulamenta o funcionamento do Grupo, inclui os deveres e direitos de seus integrantes, os trabalhos coletivos, a entrada de novos membros, a manutenção do fundo rotativo e etc. O fundo rotativo é uma espécie de fundo de reserva, constituído através das vendas de produtos, dos quais são destinados 10% do valor de cada peça para formação desse capital, geralmente empregado para a compra de alimentação para trabalhos coletivos, pagamentos de passagem de barco à cidade de Santarém e etc.

A elaboração do regimento baseou-se em outros existentes na comunidade e foi trabalhado de modo participativo entre equipe do Programa e os Grupos. O regimento interno não é um documento fechado, pode ter o texto alterado quando necessário e isso acontecerá de acordo com o funcionamento do grupo. Quaisquer outros temas que os próprios membros dos Grupos avaliem como relevantes podem ser inseridos no corpo do texto, quando de sua elaboração. A equipe apresentou sugestões gerais dos itens desse regimento e realizou-se a discussão e estruturação do texto.

Depois de realizada a formação dos Grupos, a escolha dos coordenadores e a construção do regimento, iniciaram-se as oficinas de qualificação: oficinas de gestão de empreendimentos coletivos; oficinas sobre o manejo das matérias-primas utilizadas; oficina sobre a coleta e pigmentação natural da palha de tucumã; oficina de organização para a produção do artesanato; oficinas de padronização dos produtos; oficinas de criação de novos produtos e aprimoramento do acabamento das peças; e a oficina sobre precificação e as estratégias de comercialização. Por cerca de dois anos consecutivos, as comunidades foram qualificadas e tiveram monitoradas as ações relacionadas às temáticas trabalhadas nas oficinas pelos técnicos responsáveis do Programa.

## 2.2 A produção da cestaria em palha de tucumã pelos grupos de artesanato do programa artesanato da floresta<sup>4</sup>

A palha do tucumã, utilizada para a confecção das cestarias, é resultado do processo pelo qual as folhas (FOTO 1) são beneficiadas pelos artesãos. A folha jovem, denominada 'guia' pelos artesãos, é coletada antes que haja a abertura dos folíolos. A guia é aberta e têm seus folíolos retirados do pecíolo e colocados ao sol para secarem naturalmente. Após cerca de três dias secando, as palhas estão prontas para a confecção do artesanato ou para serem tingidas (FOTO 2).

FOTO 1 – Indivíduos adultos da palmeira tucumã (*Astrocaryum vulgare* Mart.)



FONTE: Ândrea Colares / arquivo Projeto Saúde & Alegria, 2009

---

4 Esta seção considerou as consultas aos relatórios internos das oficinas de pigmentação natural da palha do tucumã (PROJETO SAÚDE & ALEGRIA, 2008d) os relatórios das oficinas de design e criação de peças das linhas produtos (PROJETO SAÚDE & ALEGRIA, 2008c; 2009a; 2010b) do Programa Artesanato da Floresta – Projeto Saúde & Alegria; o catálogo de produtos (PROJETO SAÚDE & ALEGRIA, 2012) dos Grupos componentes do Programa Artesanato da Floresta – Projeto Saúde & Alegria.

FOTO 2 – Palhas da folha da palmeira tucumã secando ao sol



FONTE: arquivo Projeto Saúde & Alegria, 2010

As fontes naturais de pigmento são coletadas, maceradas, raladas ou piladas, e agregadas à água fervente e à palha, numa panela ou tacho. O tempo utilizado para tingir a palha é variável de acordo com o tipo de pigmento. A mangarataia (da qual se obtém a cor amarela), o crajiru (tons marrom e vermelho) e o urucum (confere a cor laranja) necessitam de 20 a 25 minutos para tingir a palha; a capiranga (variações de tom roxo) e o jenipapo (preto azulado) necessitam de 50 a 70 minutos para tingir a palha. Há artesãs que preferem tingir a palha recém-coletada para proceder à pigmentação, porém a maioria utiliza a palha seca. As palhas precisam ser tingidas para permitir a criação dos grafismos nas peças. Alguns exemplos dos tons de palhas tingidas são apresentados na FOTO 3 - as palhas estão tingidas com a mistura de urucum e mangarataia; crajiru; e mangarataia (da esquerda para a direita).

FOTO 3 – Palhas de tucumã tingidas com pigmentos naturais



FONTE: Ândrea Colares / arquivo Projeto Saúde & Alegria, 2009

As peças são confeccionadas utilizando palhas na cor natural e palhas tingidas. A estrutura da peça é criada como se houvesse um arcabouço, proporcionando a firmeza e a sustentação que requer a peça. Este arcabouço é criado com talos, originários de filetes extraídos do pecíolo de palmeiras, como os do próprio tucumã e da bacaba (*Oenocarpus* spp.). O Grupo Jararaca utiliza filetes retirados de garrafa PET para a confecção de bolsas. Seguindo esse conceito de reaproveitamento de materiais, os Grupos Sacai e ArtePalha também utilizam plásticos em suas peças, uma forma de reaproveitar esse material. Para o acabamento das peças são utilizadas sementes de espécies variadas e a fibra do curauá (*Ananas sativus*), da qual também são produzidos cordões para acessórios femininos.

Os Grupos de Artesãos do Programa Artesanato da Floresta produzem peças variadas, decorativas e utilitárias, inspiradas em peças tradicionais, como o cestão – também chamado de balaio – do qual resultam a variedade de cestas redondas e porta-joias redondos; outras são derivadas de fruteiras, redondas ou ovais; e as peças planas e redondas, como os descansos de panela, dos quais se originaram os porta-copos e as mandalas. A influência de profissionais do designer e a demanda do mercado por produtos de origens tradicionais, mas sofisticados, incluiu na linha de produtos a própria mandala, os cachepós, os vasos, os jogos de mesa, as bolsas femininas, os porta óculos e os acessórios femininos.

Os artesãos costumam tratar a palha e tecer a cestaria em suas casas, durante os intervalos entre os trabalhos domésticos e os trabalhos da agricultura familiar. As comunidades integrantes do Programa Artesanato da Floresta são orientadas a trabalhar em Grupo, em especial quando se trata de produtos para as encomendas. Essa medida é essencial para manter os membros do Grupo motivados, além de colaborar em duas demandas essenciais para a qualidade dos artigos confeccionados: esse trabalho coletivo permite que os artesãos se ajudem a alcançar a padronização das peças, pois ficam se monitorando e dando dicas entre si, sobretudo com relação ao acabamento; e quanto à pigmentação da palha, pois o tingimento coletivo tem qualidade superior àquele individual, com relação ao resultado obtido com as cores.

Apesar das comunidades integrantes do Programa trabalhar com a mesma matéria-prima, exceção de uma delas que trabalha com a jacitara, a linha de produtos de cada Grupo é distinta, em alguns casos, pelo tipo de trançado

empregado com a palha de tucumã e pelas peças desenvolvidas por cada um, mesmo quando uma mesma peça é produzida por mais de um Grupo, de alguma forma há uma diferenciação entre elas. O designer Vladi Iglesias, instrutor de capacitações importantes do Programa, foi responsável pelo resgate e pelo desenvolvimento desses trançados, resultando nas identidades de cada Grupo.

A confecção das peças pelo trançado tradicional com a palha de tucumã pode ser desenvolvido por qualquer um dos Grupos, mas optou-se em mantê-los, prioritariamente, em duas das comunidades, que são as de Urucureá – Grupo TucumARTE (FOTO 4) e Vila Brasil – Grupo Brasil (FOTO 5); na comunidade de Vila Gorete – Grupo Sacaí, houve o resgate de um trançado pouco utilizado entre as artesãs desta localidade, trata-se de uma técnica mais simples que a tradicional, baseada em enrolar e amarrar a palha, esse teçume foi batizado de sacaí, pois o resultado visual do trançado é fino e linear, o que fez a artesãs associarem-no a cobra assim chamada (FOTO 6).

FOTO 4 – Imagem ilustrativa da característica do trançado do Grupo TucumARTE. Produto: descanso de panela



FONTE: arquivo Projeto Saúde & Alegria, 2011

FOTO 5 – Imagem ilustrativa da característica do trançado do Grupo Brasil. Produto: jogo de uru



FONTE: Cláudia Seixas / arquivo Projeto Saúde & Alegria, 2011

FOTO 6 – Imagem ilustrativa da característica do trançado do Grupo Sacai. Produto: jogo de sousplat



FONTE: Ândrea Colares / arquivo Projeto Saúde & Alegria, 2011

Na comunidade de Arimum – Grupo Jararaca, o artesanato produzido foi batizado de jararaca, uma espécie de cobra, por conta das peças serem criadas de modo a realçar o contraste das cores, uma escura e uma clara, lembrando o padrão natural da pele deste animal. Esta revolução é resultado da maior inovação em termos de trançado, a trama tradicional da palha teve transformado o verso em anverso (FOTO 7). Outra novidade surgiu em São Miguel – Grupo ArtePalha, as artesãs se apropriaram de um trançado desenvolvido por uma das integrantes do

Grupo para inovar e desenvolver a linha de produtos exclusiva de acessórios femininos, o trançado foi denominado de embuá, em virtude das primeiras peças criadas terem sido pulseiras e este trançado empregado em peças circulares, remontem a este pequeno animal (FOTO 8).

FOTO 7 – Imagem ilustrativa da característica do trançado do Grupo Jararaca. Produto: porta-joias



FONTE: arquivo Projeto Saúde & Alegria, 2010

FOTO 8 – Imagem ilustrativa da característica do trançado do Grupo ArtePalha. Produto: brinco folha



FONTE: Cláudia Seixas / arquivo Projeto Saúde & Alegria, 2011

Os Grupos de Artesãos do Programa Artesanato da Floresta produzem peças variadas, decorativas e utilitárias. Buscou-se inspiração em peças tradicionais e a influência dos profissionais do designer, conhecedores das demandas de mercado, por produtos de origens tradicionais, mas sofisticados. No Quadro 1 estão inseridos os produtos confeccionados pelos Grupos do Programa.

QUADRO 1 – Elenco de Grupos do Programa Artesanato da Floresta e os itens de suas respectivas linhas de produtos (CATALOGO TRAMAS E CORES, 2012).

GRUPOS	ARTIGOS CONFECCIONADOS
Grupo TucumARTE	Barca oval e retangular; bolsa envelope e executiva; cachepó; cesta redonda e retangular; cestão; chopó redondo e quadrado; descansos de copo e de panela; sacola de praia; mandala; porta-lápis; porta-joias; pote; vasos.
Grupo Brasil	Uru redondo, quadrado e oval; jogo de uru (três caixas encaixadas) redondo e quadrado; balaio brasil; balaio ciranda; descanso de panela; mini descanso brasil; descanso brasil; kit de porta-copos.
Grupo Sacai	Jogo de sousplat; porta-cuia; jogo de descanso de panela; jogo de porta-copos; fruteiras; porta-talheres; chapéu.
Grupo Jararaca	Bolsa chique jararaca; porta óculos jararaca e comum; porta - joias; descanso de panela; cesto jararaca; sousplat.
Grupo ArtePalha	Colar; gargantilha; bracelete; jogo de pulseiras; brinco rodela; brinco argola; e brinco folha.
Grupo Jacitara	Ninho do canitaú; caixa segredo; bolsa amazonas.

FONTE: Projeto Saúde & Alegria, 2012.

### 2.3 O manejo das matérias-primas dos grupos do programa artesanato da floresta

O processo de expansão do Programa Artesanato da Floresta foi iniciado no mesmo período em que a comunidade de Urucureá, referência para o trabalho desenvolvido pelo Projeto Saúde & Alegria com o artesanato (PLANEJAMENTO ANUAL GERAL SAÚDE & ALEGRIA, 2008a), recebeu o selo de Certificação Florestal FSC – *Forest Stewardship Council*, concedido mediante o processo de certificação adotado pelo Instituto de Manejo e Certificação Florestal e Agrícola (IMAFLOA), uma das entidades filiadas ao Conselho Mundial de Manejo Florestal (significado da sigla FSC em português). A comunidade de Urucureá, através de seu

Grupo de Artesanato teve certificada a matéria-prima manejada, o tucumã, e os produtos confeccionados com esta matéria-prima.

O modelo de manejo da matéria-prima elaborado por técnicos do Projeto Saúde & Alegria e referendado pelo IMAFLORA em Urucureá (GRUPO TUCUMARTE, 2009), serviu como referência para o manejo recomendado junto aos Grupos do Programa Artesanato da Floresta e consiste na:

a) Identificação e localização das áreas de coleta do tucumã e das fontes de pigmentação natural – essa medida foi necessária para a definição do quanto há de matéria-prima disponível para a produção de artesanato nas novas comunidades integrantes do Programa;

Uma das análises dos técnicos do Projeto Saúde & Alegria, realizada como pré-requisito para a certificação florestal em Urucureá, baseou-se na definição do volume mensal médio de artesanato produzido, a demanda e a oferta de matéria-prima. Paralelo a isto, foi mensurada a quantidade de matéria-prima empregada nas peças da linha de produtos do Grupo TucumarTE. Essas informações são relevantes no momento da sensibilização dos novos Grupos a respeito da importância do manejo da matéria-prima para o artesanato, uma novidade na maioria das comunidades trabalhadas.

b) Definição de áreas de manejo – as áreas de manejo são definidas como espaços coletivos de trabalho e coleta da matéria-prima para o artesanato. Os Grupos de Artesanato, juntamente com a Associação de Moradores, definiram essas áreas nos territórios das comunidades. Nestas áreas foi indicado o modelo de plantio dos Sistemas Agroflorestais - SAF's. Além das espécies utilizadas para a produção do artesanato – jacitara ou tucumã e as fontes de pigmentação natural – foram plantadas espécies frutíferas, disponibilizadas pelos artesãos ou por parcerias com as secretarias municipais. A equipe do Projeto Saúde & Alegria e os Grupos de Artesanato elaboraram cronogramas de limpeza das áreas e plantio das espécies, seguindo os princípios da agroecologia, dessa forma, não houve o uso do fogo nessas áreas. Não houve uma recomendação sobre o tamanho da área de manejo em cada comunidade. Mas, generalizadamente, as primeiras áreas de manejo têm em média um hectare.

Em alguns casos, as áreas de manejo cedidas pelas Associações de Moradores apresentavam indivíduos maduros de tucumã ou jacitara. No caso do tucumã, os novos indivíduos plantados foram retirados de touceiras ou indivíduos isolados, resultados de germinações espontâneas da semente desta espécie. Com relação à jacitara, as touceiras manejadas não estão numa única área, e sim espalhadas pela comunidade, em áreas sem uso direto e nos quintais e roçados dos artesãos. Existem duas áreas para a realização do manejo, numa delas foi iniciada a tentativa de plantio, mas não se obteve o resultado esperado.

c) Capacitação para o monitoramento das coletas das guias de tucumã – as coordenadoras de produção dos Grupos de Artesanato do Programa são responsáveis por organizar as coletas das guias de tucumã para a confecção do artesanato. Estas artesãs foram capacitadas para o preenchimento de fichas registro das coletas realizadas. Esse monitoramento permite definir o volume de matéria-prima utilizada no emprego do artesanato, além de assegurar o intervalo de coleta de guias num indivíduo. No Plano de manejo do grupo TucumARTE (2009), da comunidade de Urucureá, foi estimado que anualmente cada indivíduo emita dez guias. Respeitando os níveis de regeneração e recuperação estudados em Urucureá, sugeriu-se que sejam coletadas três guias x ano x indivíduo. As guias começam a ser colhidas em plantas de no mínimo um metro e meio de altura;

d) A coleta e procedimentos de segurança – As coletas são previamente definidas ou quando há demanda pela produção de encomenda. A parte de interesse e uso da planta para o artesanato é o broto foliar – a guia. A guia é retirada da planta com o auxílio de um facão ou de uma foice. Durante a coleta os artesãos foram orientados a utilizar sapato fechado, blusa de mangas compridas e um boné ou chapéu. Esses equipamentos proporcionam certa garantia aos artesãos, mas o que tem sido apontado como principal medida de segurança é o cuidado no manuseio das ferramentas utilizadas e o cuidado durante a permanência nas áreas de manejo e com os numerosos espinhos do tucumã. Após a coleta da guia, as palhas (fólios) são retiradas da guia com o auxílio de uma pequena faca e levadas para secar ao sol.

A técnica empregada para a exploração do tucumã, para fins artesanais, vem sendo praticada há gerações, através do conhecimento empírico dos artesãos. As práticas de coleta empregadas pelos artesãos componentes do Programa tentam garantir o impacto ambiental nulo sobre as plantas utilizadas. Não há necessidade, por exemplo, da eliminação total da planta, somente a retirada do broto foliar. A folha-guia recém-formada é retirada na sua base, com o auxílio de um facão ou uma foice, sem danificar outras partes da planta. Após cerca de 30 dias, no período chuvoso na região amazônica, o tucumã já emitiu uma nova folha-guia, garantindo a continuidade de cada indivíduo. Porém, o preconizado é que somente após cerca de 60 a 90 dias, seja realizada uma nova coleta de palha na planta, sendo necessária a presença de características adequadas para a confecção do artesanato (estado de maturação).

Outros fatores contribuem para que os efeitos do impacto ambiental não sejam negativos, como, o não comprometimento de outras árvores no processo de coleta; a utilização de trilhas prioritárias nas unidades de manejo, garantindo acesso aos tucumãs; e a conservação das áreas de manejo, tanto para o tucumã, como para outras espécies vegetais, garantindo a recuperação de ecossistemas e consequente, biodiversidade. No entanto, o que decididamente favorece o manejo dessa palmeira, é o alto poder de regeneração.

#### **2.4 A precificação e a comercialização de produtos dos grupos do programa artesanato da floresta<sup>5</sup>**

Na etapa de levantamento das comunidades produtoras da cestaria para integrarem-se ao Programa Artesanato da Floresta, a equipe técnica do Projeto Saúde & Alegria indagou sobre a forma de comercialização praticada pelos artesãos e registrou os itens produzidos, os preços praticados para a venda e o destino dessa produção. Esse diagnóstico demonstrou ser a cestaria em palha de tucumã um

---

5 Esta seção considerou as consultas aos relatórios internos das oficinas de pigmentação natural da palha do tucumã do Programa Artesanato da Floresta (PROJETO SAÚDE & ALEGRIA, 2008d); o manual Artesanato da Floresta (PROJETO SAÚDE & ALEGRIA, 2010a); e planilhas de registros digitais da comercialização, 2011 e 2012, dos Grupos integrantes do Programa Artesanato da Floresta – Projeto Saúde & Alegria.

produto de alta oferta no município de Santarém, esse episódio caracteriza a comercialização desse produto um desafio para os artesãos que os confeccionam.

As peças manufaturadas restringiam-se às cestas usadas para ir fazer compras na feira (hábito usual para os paraenses); aos descansos de panela; aos cestos redondos com tampa de diversos tamanhos, também chamados de balaios e porta-joias; à porta cuias; e a alguns modelos de bolsas. Cada produtor, ao ir à cidade de Santarém, portava consigo a sua produção e vendia aos compradores do “beiradão” – são os chamados atravessadores, que se dirigem aos barcos, originários da região ribeirinha, no cais da cidade em busca dos artesãos para realizar a compra – ou a pequenos comerciantes de artigos regionais. Os preços eram definidos pelos compradores e não pelos produtores. As cestas, consideradas peças de tamanho grande, eram compradas numa variação entre R\$10,00 a R\$15,00; cestos pequenos com tampa, dificilmente atingiam o preço R\$5,00; e o porta cuias tinha a dúzia comprada por R\$5,00.

Esse diagnóstico corroborou a proposta do Plano de Trabalho para os Grupos componentes do Programa Sustentável, a partir do qual receberam capacitações de designers para a criação e aperfeiçoamento de produtos, buscando a qualidade e o diferencial necessários ao mercado que se pretendia alcançar. As oficinas resultaram nas peças iniciais das linhas de produtos desses Grupos e a próxima etapa consistiu na atribuição do valor às peças.

Para tanto, foi concebida uma metodologia para a valoração dos produtos, considerando os princípios do comércio justo, sendo incorporada a antiga metodologia empregada pelo Núcleo (que considerava somente as horas de trabalho para a determinação do valor de cada peça) informações consultadas em materiais *on line* do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e outros aspectos observados junto aos grupos. As etapas preliminares para a valoração dos produtos foram realizadas pelos Grupos de Artesanato do Programa e consistiram em definir quais as peças constituiriam a linha de produtos de cada Grupo; registrar o total de horas consumidas pelos artesãos para confeccionar determinada peça (através de planilha para o controle do tempo preenchida pelos artesãos); e o levantamento dos possíveis custos agregados à produção das peças na comunidade, como custos com a matéria-prima, custos com materiais para o acabamento e etc.

Após a realização dessas etapas nos Grupos, os técnicos da equipe do Projeto Saúde & Alegria retornaram às comunidades e participativamente definiram as demais informações necessárias para atribuição de preços aos produtos: os custos fixos, ou seja, custos com passagens de barco (ida e volta), e com transporte na cidade para a entrega de encomendas, contatos com clientes e etc.; a base de cálculo utilizada para o pagamento da mão de obra dos artesãos – neste caso, o valor da diária de trabalho foi correspondente ao salário mínimo; a agregação de valor pela arte, beleza e exclusividade da peça; a porcentagem destinada ao fundo rotativo; e a análise do potencial produtivo. Os preços praticados atualmente são apresentados no quadro 2.

QUADRO 2 – Grupos do Programa Artesanato da Floresta, suas respectivas linhas de produtos e preços praticados para a venda direta ao consumidor (CATALOGO TRAMAS E CORES, 2012).

GRUPO TUCUMARTE	Modelo	tamanho	preço	Modelo	tamanho	preço
	Fruteira	G	32,00	Chopó redondo	M	28,00
	Fruteira	M	28,00	Chopó redondo	P	22,00
	Barca retangular	G	32,00	Descanso de copo	único	3,00
	Barca retangular	M	28,00	Descanso de panela	único	10,00
	Bolsa envelope	G	35,00	Sousplat amazônico	único	20,00
	Bolsa envelope	M	30,00	Mandala	único	60,00
	Bolsa executiva	único	50,00	Porta lápis	único	10,00
	Cachepó	G	25,00	Porta-jóia	único	20,00
	Cachepó	M	20,00	Pote	único	75,00
	Cesta redonda	G	50,00	Vaso Bilha	G	40,00
	Cesta redonda	M	40,00	Vaso Bilha	M	30,00
	Cesta retangular	G	60,00	Vaso Bilha	P	25,00
	Cesta retangular	M	50,00	Sacola	único	45,00
	Cestão	único	75,00	Caixinha	único	20,00
	Chopó quadrado	G	35,00	Porta cuia	único	8,00
	Chopó quadrado	M	28,00	Vaso	G	25,00
	Chopó quadrado	P	22,00	Vaso	M	20,00
	Chopó redondo	G	35,00			

<b>GRUPO JARARACA</b>	<b>Modelo</b>	<b>tamanho</b>	<b>preço</b>	<b>Modelo</b>	<b>tamanho</b>	<b>preço</b>
	Bolsa chique jararaca com fecho	único	25,00	Porta-joias comum	único	12,00
	Bolsa chique jararaca com zíper	único	25,00	Descanso de panela jararaca	único	10,00
	Porta óculos jararaca com fecho	único	15,00	Descanso de panela comum	único	8,00
	Porta óculos jararaca com zíper	único	15,00	mini mandala (pingente)	único	5,00
	Porta óculos comum com fecho	único	12,00	cesto jararaca	único	50,00
	Porta óculos comum com zíper	único	12,00	sousplat	único	20,00
	Porta-joias jararaca	único	15,00			
<b>GRUPO ARTEPALHA</b>	<b>Modelo</b>	<b>tamanho</b>	<b>preço</b>	<b>Modelo</b>	<b>tamanho</b>	<b>preço</b>
	Colar	G	18,00	Jogo de pulseiras (06 peças)	único	10,00
	Colar	M	15,00			
	Colar	P	10,00	Brinco rodela	único	5,00
	Gargantilha	único	10,00	Brinco argola	único	5,00
	Bracelete	único	6,00	Brinco folha	único	6,00
<b>GRUPO BRASIL</b>	<b>Modelo</b>	<b>tamanho</b>	<b>preço</b>	<b>Modelo</b>	<b>tamanho</b>	<b>preço</b>
	Uru redondo	único	7,00	Descanso de panela	único	8,00
	Uru quadrado	único	7,00	Mini descanso 03 rodela	único	5,00
	Uru oval	único	7,00	Mini descanso 04 rodela	único	7,00
	Jogo de Uru redondo (03 peças)	único	20,00	Descanso Brasil 06 rodela	único	10,00
	Jogo de uru quadrado (03 peças)	único	20,00	Kit porta copos (com 06 rodela e suporte)	único	12,00
	Balaio Brasil	único	65,00			
<b>GRUPO SACAÍ</b>	<b>Modelo</b>	<b>tamanho</b>	<b>preço</b>	<b>Modelo</b>	<b>tamanho</b>	<b>preço</b>
	Jogo de Sousplat (04 peças)	único	70,00	Jogo de porta copo (06 peças)	único	10,00
	Sousplat	único	20,00	Fruteira	G	15,00

	Porta cuia	único	3,00	Fruteira	M	12,00
	Jogo de descanso de panela (03 peças)	único	15,00	Fruteira	P	10,00
	descanso de panela	único	7,00	Porta talher	único	10,00
<b>GRUPO JACITARA</b>	<b>Modelo</b>	<b>tamanho</b>	<b>preço</b>	<b>Modelo</b>	<b>tamanho</b>	<b>preço</b>
	Ninho do Canitaú	G	35,00	Caixa Segredo	M	15,00
	Ninho do Canitaú	M	23,00	Caixa Segredo	P	15,00
	Ninho do Canitaú	P	18,00	Bolsa Amazonas	único	30,00

FONTE: Projeto Saúde & Alegria, 2012.

Os Grupos iniciaram a comercialização em um espaço cedido no escritório do Projeto Saúde & Alegria para a exposição e venda permanentes de seus artigos. Atualmente, esta é a forma de comercialização mais reiterada, os Grupos entregam seus produtos na sede do Projeto e a cada mês realiza-se a prestação de contas do material vendido. Este é o único lugar na cidade de Santarém onde as peças desses Grupos podem ser encontradas, os Grupos mantiveram contato com alguns comerciantes na cidade, mas poucos dispostos a negociar o pagamento com os artesãos, por conta dos preços habitualmente praticados no comércio de cestarias, abaixo daqueles praticados pelos Grupos do Programa.

O Projeto Saúde & Alegria também disponibiliza *on line* em seu sítio na internet a página contendo as informações sobre o artesanato das comunidades onde atua - uma ferramenta tecnológica essencial para a comercialização. Nesta página, clientes de qualquer ponto do Brasil podem conhecer os produtos dessas comunidades, manter contato e efetivar as encomendas. Presentemente, lojistas da cidade de Paraty/RJ e Manaus/AM realizam pedidos frequentes e uma loja de São Paulo realiza pedidos esporádicos – esses lojistas compram artesanato dos Grupos do Programa com um preço diferenciado, definidos como preços de atacado, nessa categoria de venda é concedido o desconto de 20% sobre o valor de encomendas a partir de R\$1.000,00.

Além disso, um dos financiadores do Programa organizou (e ainda o faz) uma exposição para a divulgação dessas linhas de produtos em São Paulo, paralela a um

evento junto a outros parceiros. Esse tipo de evento esporádico em grandes centros comerciais, como São Paulo, é responsável por volumes de venda expressivos para os Grupos de Artesanato. Em Santarém, alguns desses Grupos participam autonomamente de duas feiras municipais anuais, a Feira da Produção Familiar do Baixo Amazonas (FEPAM-BAM), organizada por uma instituição do terceiro setor e parceiros e a Feira da Cultura Popular realizada pela Prefeitura Municipal.

Outra forma de comercialização dos produtos ocorre em função das visitas de turismo de base comunitária, em três dos seis Grupos do Programa. Os Grupos TucumARTE, Jararaca e Jacitara recebem visitantes que permanecem em média um dia em suas comunidades e conhecem essa atividade da produção artesanal de cestaria, observam a coleta da matéria-prima e a pigmentação natural das palhas de tucumã (nos dois primeiros Grupos) e são convidados a juntar-se aos artesãos para aprender a trançar as palhas e colaborar na confecção de uma peça, ao final desse processo estes visitantes podem adquirir o artesanato exposto pelo Grupo.

Apesar dessas estratégias de comercialização ser executadas em parceria com o Projeto Saúde & Alegria, os técnicos e a coordenação nesta instituição estimulam os Grupos a procurarem outros mercados a fim de alcançarem sua autonomia financeira. Essa comercialização nos atuais moldes é realizada pelo Projeto, pois nas comunidades o acesso às tecnologias de comunicação é restrito e são raras as exceções de artesãos capacitados e afinados com essa tecnologia de informação, sobretudo, com o uso de computador para o acesso à internet, ferramenta essencial para a divulgação e contato com os clientes.

## **2.5 Sistematização das informações referentes à comercialização dos grupos de artesanato do programa artesanato da floresta**

O Projeto Saúde & Alegria registra mensalmente os dados de comercialização dos Grupos de Artesanato, em planilhas digitais em seus servidores de arquivo (fontes das informações a seguir). Abaixo, nas tabelas 1 e 2, encontram-se disponíveis os dados dos anos de 2011 e 2012 (parcial):

TABELA 1 – Dados da comercialização de produtos dos 06 Grupos integrantes do Programa Artesanato da Floresta no ano de 2011.

Meses / Grupos	Grupo TucumARTE	Grupo Jararaca	Grupo Brasil	Grupo Sacaiá	Grupo ArtePalha	Grupo Jacitara
janeiro	R\$ 4.258,40	R\$ 326,00	R\$ 94,00	R\$ 0,00	R\$ 76,00	R\$ 0,00
fevereiro	R\$ 2.266,00	R\$ 208,00	R\$ 152,00	R\$ 329,50	R\$ 35,00	R\$ 118,00
março	R\$ 1.346,00	R\$ 75,00	R\$ 86,00	R\$ 179,00	R\$ 51,00	R\$ 0,00
abril	R\$ 3.106,00	R\$ 316,00	R\$ 52,00	R\$ 133,00	R\$ 197,00	R\$ 65,00
maio	R\$ 3.479,00	R\$ 0,00	R\$ 72,00	R\$ 176,00	R\$ 135,00	R\$ 15,00
junho	R\$ 20,00	R\$ 178,00	R\$ 226,00	R\$ 242,00	R\$ 11,00	R\$ 83,00
julho	R\$ 9.224,00	R\$ 758,00	R\$ 787,50	R\$ 607,00	R\$ 531,00	R\$ 50,00
agosto	R\$ 0,00	R\$ 687,50	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 221,00	R\$ 0,00
setembro	R\$ 18,00	R\$ 435,00	R\$ 601,00	R\$ 1.358,00	R\$ 1.308,50	R\$ 61,00
outubro	R\$ 8.511,10	R\$ 721,00	R\$ 140,00	R\$ 486,00	R\$ 590,00	R\$ 432,00
novembro	R\$ 530,00	R\$ 276,00	R\$ 240,00	R\$ 117,00	R\$ 91,00	R\$ 30,00
dezembro	R\$ 1.152,00	R\$ 1.365,00	R\$ 554,00	R\$ 1.675,00	R\$ 944,00	R\$ 857,00
total	R\$ 33.910,50	R\$ 5.345,50	R\$ 3.004,50	R\$ 5.302,50	R\$ 4.190,50	R\$ 1.711,00
total geral	R\$ 53.464,50					

FONTE: Projeto Saúde & Alegria, 2012.

TABELA 2 – Dados parciais da comercialização de produtos dos 06 Grupos integrantes do Programa Artesanato da Floresta no ano de 2012, entre os meses de janeiro a outubro.

Meses / Grupos	Grupo TucumARTE	Grupo Jararaca	Grupo Brasil	Grupo Sacaiá	Grupo ArtePalha	Grupo Jacitara
janeiro	R\$ 45,00	R\$ 577,00	R\$ 72,00	R\$ 45,00	R\$ 15,00	R\$ 15,00
fevereiro	R\$ 66,00	R\$ 365,00	R\$ 61,00	R\$ 117,00	R\$ 476,00	R\$ 0,00
março	R\$ 2.002,00	R\$ 682,00	R\$ 259,50	R\$ 554,50	R\$ 114,00	R\$ 0,00
abril	R\$ 345,00	R\$ 459,90	R\$ 257,00	R\$ 350,50	R\$ 248,50	R\$ 15,00
maio	R\$ 325,00	R\$ 60,00	R\$ 208,00	R\$ 481,00	R\$ 245,00	R\$ 23,00
junho	R\$ 586,00	R\$ 1.466,00	R\$ 828,50	R\$ 603,50	R\$ 161,00	R\$ 416,00
julho	R\$ 5.589,30	R\$ 218,00	R\$ 740,00	R\$ 7,00	R\$ 75,00	R\$ 43,00
agosto	R\$ 510,00	R\$ 1.157,00	R\$ 506,00	R\$ 325,00	R\$ 174,00	R\$ 98,00
setembro	R\$ 2.201,60	R\$ 80,00	R\$ 326,00	R\$ 29,00	R\$ 150,00	R\$ 0,00
outubro	R\$ 2.166,50	R\$ 20,00	R\$ 102,00	R\$ 85,00	R\$ 30,00	R\$ 0,00
total	R\$ 13.836,40	R\$ 5.084,90	R\$ 3.360,00	R\$ 2.597,50	R\$ 1.688,50	R\$ 610,00
total geral	R\$ 27.177,30					

FONTE: Projeto Saúde & Alegria, 2012.

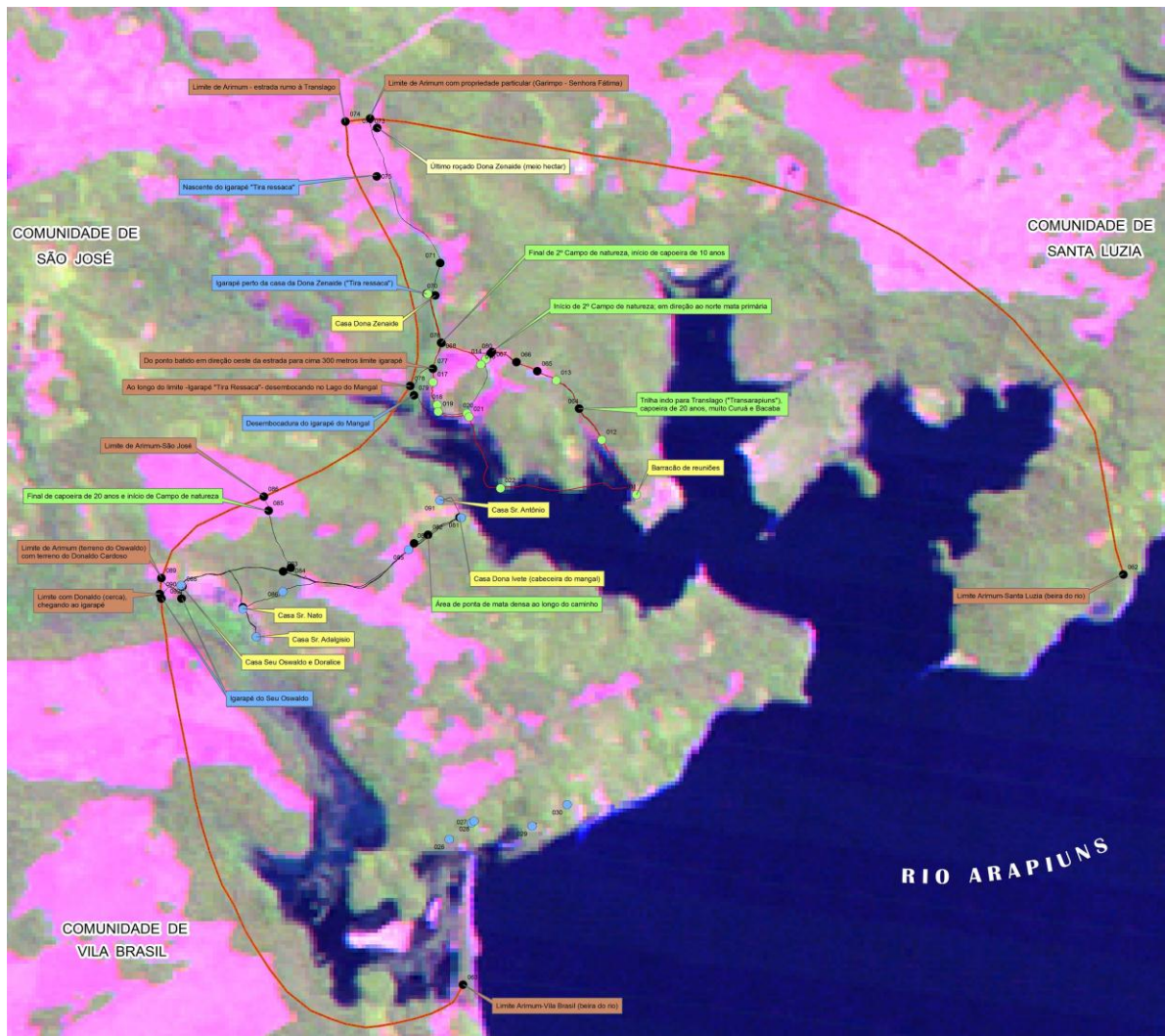
O Grupo TucumARTE, da Comunidade de Urucureá mantém uma frequência de pedidos de 02 lojistas, tem o maior número de artesãos de todos os Grupos que formam o Programa Artesanato da Floresta, são 27 no total. Isto, aliado ao longo tempo de existência, torna-o Grupo com maior representatividade nas vendas. Somam-se a este quadro, as vendas na comunidade que desenvolve a atividade de Turismo Comunitário. Essas visitas de turismo também ocorrem em Arimum e em Vila Amazonas.

Nos meses de julho e agosto há um acréscimo nas vendas dos Grupos que participam de feiras no município de Santarém. No mês de dezembro de 2011, foi realizado um bazar de produtos da Amazônia e Mata Atlântica na cidade de São Paulo e os 06 Grupos enviaram produtos e faturaram pouco mais que R\$5.000,00 com este evento. O mesmo bazar está sendo programado para este ano e a expectativa é que os grupos faturem o dobro do valor de 2011. Tendo como parâmetro o montante comercializado anualmente, os Grupos Jararaca e Brasil apresentam crescimento nas vendas em 2012, atingindo ou superando o total comercializado em 2011. O Grupo TucumARTE, surpreendentemente, apresenta um decréscimo nas vendas.

## **2.6 Histórico e caracterização socioeconômica do Grupo Jararaca de Artesanato**

Nesta seção, se encontra a descrição da pesquisa realizada na comunidade de Arimum. A comunidade está localizada à margem esquerda do rio Arapiuns (MAPA 4), no Assentamento Agroextrativista Lago Grande, município de Santarém. O território desta comunidade é formado por lagos e áreas de terra firme, com uma vegetação peculiar variando entre matas e savanas. Suas praias de areia branca encantam o olhar e suas águas convidativas ao banho, abrigam uma diversidade de peixes que alimentam seus moradores, seus visitantes e os botos! Sua rica cultura traduz-se nos costumes das tradições religiosas, nas relações de parentesco, no uso de plantas medicinais, na música, na dança e na alegria do viver.

MAPA 4 – Mapa territorial da Comunidade de Arimum, rio Arapiuns. Imagem de satélite manipulada para a inserção de dados socioambientais. O traço em vermelho, diz respeito aos limites territoriais de Arimum.



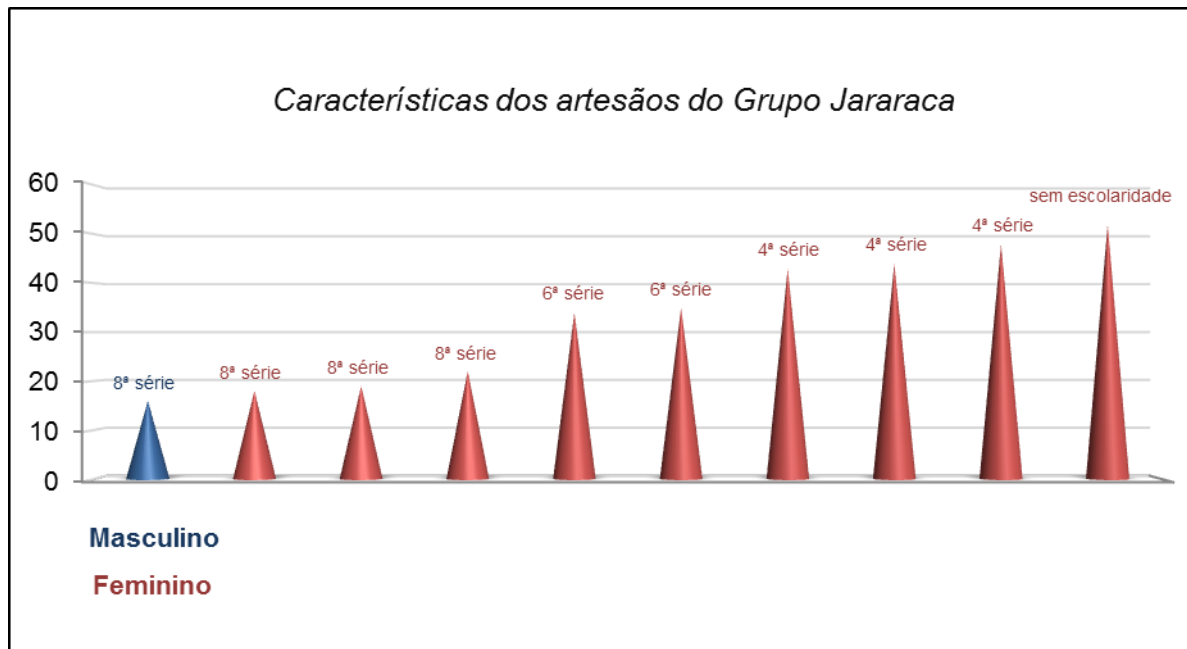
FONTE: Projeto Saúde & Alegria, 2011.

Arimum é uma comunidade pequena onde vivem cerca 35 famílias distribuídas na área da “vila” e em pequenos núcleos familiares espalhados por seu território. Segundo os moradores, a vila localizada dentro do lago de Arimum, caracteriza-se como a área onde se encontram as estruturas coletivas comunitárias, a igreja católica cujo padroeiro é São Benedito, o barracão comunitário, a escola de ensino fundamental multiseriada com ensino infantil e fundamental até a 4ª série, o campo de futebol e onde ocorrem as reuniões e festas da comunidade.

Nesta comunidade, os artesãos formam o Grupo Jararaca. A maioria dos dez artesãos integrantes do Grupo Jararaca mora no núcleo familiar chamado de Lugar Velho, às margens do rio Arapiuns, é neste núcleo que se encontra a Casa do Artesanato, local onde esses artesãos se reúnem para trabalhar a produção da

cestaria em palha de tucumã e a área de manejo das matérias-primas, com aproximadamente 01 hectare. No Gráfico (01) abaixo são apresentadas as características pessoais dos membros do Grupo Jararaca:

GRÁFICO 1 – Informações referentes ao gênero, faixa etária e escolaridade dos dez componentes do Grupo Jararaca



Organização: Ândrea Colares, 2012.

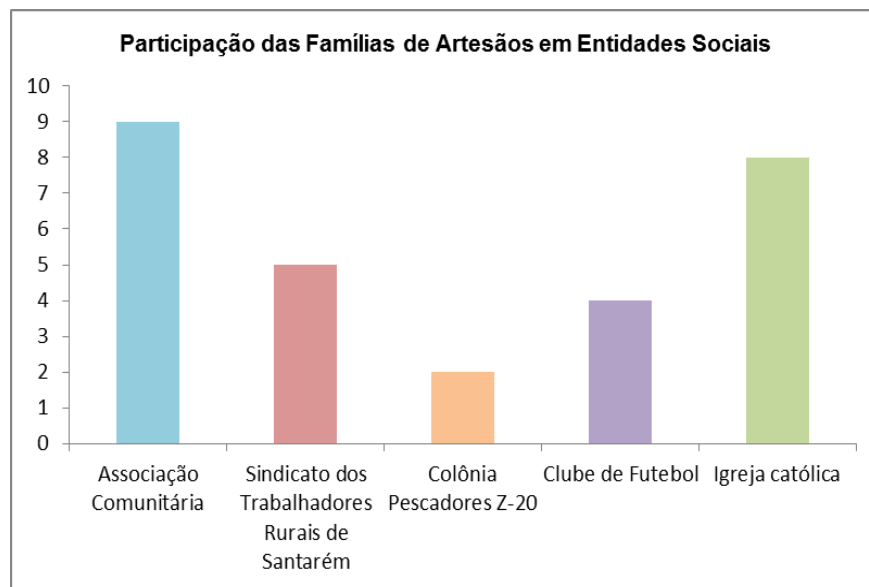
Esse dez artesãos pertencem a seis famílias, são seis mães e quatro filhos. Dessas seis mães, quatro são irmãs e entre elas e às outras duas mães há um grau de parentesco. O questionário socioeconômico (APÊNDICE A) foi aplicado junto às seis mães artesãs, visto que seus respectivos filhos artesãos são jovens e ainda permanecem morando com suas famílias. Essas famílias dos artesãos são compostas por uma variação de 01, 02, 03, 07 e 08 filhos. Alguns desses filhos, meninos e meninas de 08 a 13 anos, dominam a técnica de produção de peças simples da cestaria em palha de tucumã, demonstrando a continuidade dessa tradição para as gerações posteriores.

As famílias de 83% desses artesãos mantêm o uso das habitações típicas na Amazônia, empregam as folhas secas da palmeira curuá na construção das paredes e telhados de suas casas, nelas não há piso de cimento ou similar, a terra é simplesmente compactada e essa condição é conhecida por “piso batido”. Em 100% dessas famílias, a água consumida é coletada no rio ou nos igarapés, mas há algum

tipo de tratamento para o consumo humano, principalmente, a filtragem; não há coleta de lixo, cada família é responsável pela destinação de seus resíduos, geralmente são enterrados ou queimados; e não há fornecimento público de energia elétrica. Na vila de Arimum há dois poços semi-artesianos, dos quais as famílias abastecem sua água e um grupo gerador, inoperante atualmente. Na vila, 50% destas famílias de artesãos têm uma casa, destinada ao uso familiar durante os fins de semana e nas atividades festivas, religiosas e organizativas da Comunidade.

Semelhante à maioria das Comunidades de Santarém, as famílias de Arimum possuem uma Associação de Moradores, que os representa juridicamente. Em se tratando das seis famílias dos artesãos, os pais ou um dos pais participam das seguintes entidades organizativas, apresentadas gráfico 2:

GRÁFICO 2 – Representação das entidades das quais participam os artesãos do Grupo Jararaca e/ou seus conjuges



Organização: Ándrea Colares, 2012.

As seis famílias praticam a agricultura convencional da região, baseada na monocultura da mandioca para a produção de farinhas, beijus e bebidas. Além de um subproduto chamado crueira, empregado por alguns como alimento para aves de criação doméstica. Os roçados não alcançam mais que meio hectare, em função do caráter de subsistência alimentar representado por esta produção, essa farinha produzida e o peixe configuram a base alimentar das famílias. Diferentemente dos roçados, nos quintais das casas dessas famílias e nas matas da comunidade há uma diversidade de espécies frutíferas utilizadas na alimentação ou em vendas

esporádicas: araçá, bacaba, ingá, manga, açai, buriti, inajá, piquiá, laranja, uxi, taperebá, limão, cacauí, tucumã, café, maracujá e outras.

Além dos frutos, os integrantes dessas famílias de artesãos extraem da floresta na área da comunidade a matéria-prima para o artesanato; palhas, madeiras e cipós para a construção das casas; resinas; óleos, sementes e plantas medicinais. Em Arimum, a cultura no uso da medicina popular, através do conhecimento tradicional empírico, está presente no cotidiano. Nesta comunidade o roteiro de turismo comunitário, inclui o percurso pela trilha das plantas medicinais como uma forma de interação com os visitantes e mostra a vida peculiar desses comunitários.

O turismo comunitário assim como o artesanato são propostas de geração de renda complementar e compõem a renda média para essas famílias, de acordo com o representado na tabela 3:

TABELA 3 – Composição da renda mensal das famílias do Grupo Jararaca, da Comunidade de Arimum.

Fonte da renda mensal	Família 1	Família 2	Família 3	Família 4	Família 5	Família 6
	03 membros	06 membros	10 membros	05 membros	10 membros	05 membros
Bolsa família	R\$ 70,00	R\$198,00	R\$ 594,00	R\$ 130,00	R\$ 164,00	R\$140,00
Aposentadoria/pensão				R\$ 480,00		
Pesca		R\$17,00				
Seguro defeso (média)		R\$ 215,00				R\$ 215,00
Bolsa verde	R\$100,00	R\$100,00	R\$100,00	R\$100,00	R\$100,00	
Artesanato (média)	R\$50,00	R\$35,00	R\$58,50	R\$40,00	n.i	R\$90,00
Turismo (média)	R\$30,00	R\$22,50	R\$17,50	R\$20,00	R\$20,00	R\$28,00
Produção familiar (média)		R\$12,00		R\$6,50		R\$11,00
<b>Total renda mensal</b>	<b>R\$250,00</b>	<b>R\$599,50</b>	<b>R\$770,00</b>	<b>R\$776,50</b>	<b>R\$284,00</b>	<b>R\$484,00</b>

n/i – não informado

FONTE: Dados coletados durante pesquisa socioeconômica aplicada a esses artesãos, 2012

### 3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

O Programa Artesanato da Floresta consolidou uma proposta baseada na experiência de 13 anos do Projeto Saúde & Alegria com um Grupo de Artesanato Comunitário. Os aspectos positivos e negativos dessa atividade foram considerados antes do processo de expansão para outras comunidades ser iniciado. Tratando-se da Comunidade “piloto” do Programa, recursos imensuráveis, obtidos através de projetos captados por esta instituição, foram empregados para que o projeto nela executado obtivesse o sucesso alcançado. O mesmo não se aplica às novas comunidades do Programa, em menos de 02 anos de capacitações, os novos grupos estavam aptos a desenvolver produtos para a venda com um nível de organização e qualidade aceitáveis.

Outro fato considerável na busca pela sustentabilidade do Programa consistiu nos critérios determinados pela equipe técnica para a definição das comunidades onde o Programa seria expandido. As comunidades selecionadas apresentavam artesãos, a cestaria não foi um produto externo introduzido pelo Programa. A localização geográfica foi um fator importante para a análise da escolha, pois ao considerar a sustentabilidade econômica do projeto, atuar em comunidades próximas entre si ou próximas às outras comunidades onde os técnicos desenvolviam outro(s) projeto(s), foi estratégico para otimizar o uso dos recursos nas atividades a serem realizadas, seja a redução de custos no deslocamento ou a integração dos artesãos de duas ou mais comunidades em uma delas para a realização de oficinas, por exemplo.

Os Grupos de Artesãos adotaram a proposta de gestão trabalhada pelo Programa e algumas adaptações foram agregadas pelos próprios artesãos. A ideia de ter duas pessoas nos cargos de coordenação funcionou no primeiro ano, mas atualmente há apenas um artesão por cargo. Os ocupantes dos cargos dessa coordenação são modificados anualmente e em alguns Grupos os cargos são ocupados pelas mesmas pessoas desde as suas criações, apesar de terem contemplado no regimento o período de vigência de cada coligação de coordenadores.

Os Grupos têm autonomia de gestão, organizam a produção coletiva do artesanato e controlam a produção individual dos artesãos, geralmente doméstica. São conscientes do valor do trabalho coletivo, a importância da qualidade de seus produtos para o nicho de mercado onde atuam e a necessidade de estabelecer parcerias comerciais responsáveis para a sua consolidação no mercado. No entanto, a comercialização ideal de seus produtos depende da parceria com o Projeto Saúde & Alegria.

A autonomia comercial dos Grupos concebe um desafio efetivo para o Programa Artesanato da Floresta, cujas iniciativas para alcançar essa autonomia não obtiveram o resultado esperado e consistiram na capacitação dos coordenadores financeiros dos Grupos, na orientação para a busca de parcerias comerciais junto a lojistas de Santarém e na proposta de habilitar jovens das comunidades que moram na cidade para trabalharem as estratégias de venda e negociação para o artesanato.

Parece não haver aptidões inatas para o empreendedorismo junto desses artesãos dos Grupos e dos artesãos que empenham os cargos de coordenação. A ideia de capacitar a mão de obra jovem na cidade de Santarém para execução dos trabalhos de comercialização seria a opção com maiores chances de sucesso, pois a geração desses jovens tem maior nível de escolaridade, lida com facilidade com as tecnologias da informática, indispensáveis na divulgação dos Grupos e no contato com os interessados e com os clientes, e ao mesmo tempo, esses jovens conhecem o processo da produção da cestaria e os artesãos dos Grupos em suas respectivas comunidades.

Mesmo que o Projeto Saúde & Alegria não apresentasse as condições para incubar essa iniciativa junto dos jovens, existem alternativas para o acesso às tecnologias, tanto para o aprendizado quanto para o uso diário, representado pelos pontos de cultura e infocentros de inclusão digital, ações solidárias desenvolvidas em vários pontos da cidade de Santarém, onde se faz possível utilizar ferramentas de internet para manter contato com clientes, através de blogs, redes sociais, e-mail e etc. É crescente o uso desses instrumentos para o marketing de empreendimentos, representando uma eficiência no alcance do público consumidor desses produtos.

A formação de redes é imprescindível para alcançar mercados interessados em produtos de origens amazônicas como estes dos Grupos que compõem o

Programa. No momento em que os Grupos incorporarem a gestão comercial de seus empreendimentos e haver um ponto de referência na cidade de Santarém, será necessário requerer às secretarias de cultura e de turismo do Município e do Estado, apoio na divulgação das iniciativas. No Estado do Pará, o governo não concede nenhum incentivo à produção artesanal na região oeste do Estado, assim como não há nenhum plano do governo brasileiro que invista na divulgação, mediação entre artesãos e clientes, e comercialização dos produtos artesanais, como existe na Colômbia.

Esse aspecto da ausência de incentivos governamentais aos produtores de artesanato ocorre igualmente em nível federal, o Plano Nacional da Sociobiodiversidade (BRASIL, 2009), vem priorizando o desenvolvimento de cadeias de produtos *in natura*, tendo como cadeias principais, as de babaçu e castanha-do-brasil; o artesanato não foi incluído como um desses produtos. Entretanto, o artesanato em palha de tucumã pode ser considerado um produto florestal não madeireiro, e diferente do simples extrativismo vegetal, incentivado pelo Plano, o que pode ter impactos negativos ambiental e socialmente, o tucumã apresenta-se como uma espécie propícia ao manejo comunitário em pequena escala. Essa iniciativa do Plano poderia estender-se a outros produtos derivados de espécies vegetais manejadas pelas populações das florestas, caso dos artesanatos em cestarias em fibras, em látex, cuias, ouriços de castanhas e etc.

Em se tratando do mercado local do Município de Santarém, em particular os comerciantes, parece não encantar-se com o apelo que esses produtos podem representar num mercado onde o consumidor está cada vez mais solidário a empreendimentos que se preocupam com a sustentabilidade das ações da cadeia produtiva marcada nos produtos que os Grupos do Artesanato da Floresta se dedicam.

Em contradição, mercados nacionais em cidades com elevadas taxas de fluxo turístico, interessam-se por produtos artesanais da Amazônia. Esse fato observa-se no Grupo TucumARTE, localizado na comunidade piloto do Programa Artesanato da Floresta. É o Grupo com maior volume em produção e venda de artesanato, cujos clientes assíduos são lojistas das cidades de Manaus/AM e Paraty/RJ. No ano de 2011, esse Grupo apresentou um volume em comercialização em torno de R\$33.000,00, fato atribuído pela relação do número de artesãos (27 ao todo) com a exímia qualidade do artesanato deste Grupo.

Relacionada a esse volume comercializado, a prática do turismo comunitário em Urucureá, assim como na Comunidade de Arimum, Grupo Jararaca, e na Comunidade de São Miguel, Grupo Artepalha, está diretamente relacionada às taxas de vendas dos produtos. Nos dois primeiros Grupos, há um roteiro de turismo que inclui uma oficina de artesanato para os visitantes e a oportunidade de conhecer as áreas de manejo, a extração da palha do tucumã e observação da produção da cestaria pelos artesãos. Ao término da oficina, há uma exposição de artesanato e os visitantes podem adquiri-los diretamente de seus produtores. No caso do Grupo ArtePalha, em 2011, viagens de turismo organizadas sem um destino específico levaram visitantes à esta Comunidade, de uma beleza cênica admirável, e uma jornada cirúrgica lá realizada, foram responsáveis por vendas na Comunidade. Em 2012, a venda local não foi significativa na Comunidade.

Esses compradores lojistas ou turistas valorizam esse artesanato de raízes tradicionais e a busca pelo aperfeiçoamento diário da técnica trabalhado por esses artesãos. Essas características relacionadas à qualidade do artesanato dos Grupos componentes do Programa tem forte ligação com o manejo das matérias-primas nas Comunidades. O número de artesãos produtores e a disponibilidade de matéria-prima representavam na etapa de levantamento das novas comunidades a serem inseridas no Projeto, a busca pela sustentabilidade ambiental da atividade junto às comunidades, estimulando o uso racional e responsável dos recursos.

Ultimamente, os Grupos dispõem de palha de tucumã suficiente para a escala de produção a que estão suprindo; As Comunidades de Arimum, São Miguel e Urucureá exibem estoques satisfatórios de tucumã nas áreas de manejo e nas matas de suas comunidades. Nas Comunidades de Vila Brasil e Vila Gorete, os artesãos manejam o tucumã de seus quintais e de suas áreas familiares de roçado e em algumas manchas nessas localidades. O manejo da jacitara, em Vila Amazonas, é o desafio atual para o Programa, pois poucas informações estão disponíveis sobre o manejo desta espécie.

Em se tratando das matérias-primas para a pigmentação da palha, os Grupos de Arimum, Vila Brasil, Vila Gorete e São Miguel não acumulam um montante de material apropriado para a presente escala de produção. Os plantios dessas fontes vegetais de pigmentação tiveram o plantio iniciado em 2009, são as espécies de mangarataia, crajiru, urucum e jenipapo; a capiranga é encontrada nas florestas das comunidades e os artesãos não conseguiram domesticá-la. A

mangarataia, o crajiru e o urucum são as fontes mais propícias ao plantio, com tratos culturais relativamente simples. O jenipapo oferece rápida germinação, contudo a árvore dessa espécie inicia a frutificação após cinco anos do plantio (AVIDOS & FERREIRA, 2000).

O uso das técnicas de pigmentação natural e a identidade relacionada a animais, seja no tipo de trançado, como é o do Grupo Jararaca, do Grupo Artepalha e do Grupo Sacá; seja batizando o nome de peças que remetem a alguns animais, como o caso do Cesto Jabuti do Grupo Jararaca e do Ninho de Canitaú do Grupo Jacitara, demonstram a relação intrínseca desses artesãos com o meio natural onde vivem. Apesar destas comunidades manterem um contato frequente com o mundo globalizado, a floresta é a fonte de inspiração para o artesanato.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia aplicada pelo Programa Artesanato da Floresta pode ser replicada a outros grupos produtores, com suas devidas adequações, para produtos florestais não madeireiros de manejo comunitário e coletivo. As instituições que trabalham com geração de renda em localidades com realidade semelhante a esta das comunidades da região de Santarém podem adotar esse Programa como referencial metodológico, adequando às suas necessidades e realidades específicas. É possível que as comunidades que de modo independente optem por seguir essa metodologia, não tenham recursos para todas as etapas, como realizadas nas atuais comunidades do Programa, mas o Projeto Saúde & Alegria tem interesse em transformar esse método em material acessível a esse público, provavelmente por meio de uma cartilha, o que promoverá a apropriação do conhecimento para essas outras comunidades interessadas, considerando a compreensão local e produto trabalhado, seus processos e finalidades.

O processo de produção artesanal considera o manejo das matérias-primas primordial para o alcance da sustentabilidade ambiental. Isto é reconhecido pelo método de manejo orientado aos Grupos, baseado naquele empregado na Comunidade piloto do Programa Artesanato da Floresta, cuja manipulação da principal espécie empregada no artesanato – o tucumã – teve certificada a produção através do selo FSC. Algumas comunidades apresentam dificuldades com as espécies manejadas, porém as soluções para essas questões ambientais relacionadas ao Programa podem ser proporcionadas e permitir o alcance da sustentabilidade desses empreendimentos comunitários, por meio de parcerias com instituições de ensino superior ou com empresas públicas de assistência ao produtor como Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) ou por grupos de pesquisa das Instituições de Ensino Superior.

A comercialização de produtos como o artesanato representa um desafio para significativa parte de projetos de geração de renda em comunidades. Atuar no mercado local traz benefícios imediatos para os artesãos envolvidos, entretanto, a elevada oferta desse tipo de artesanato trabalhado pelo Programa Artesanato da Floresta no município de Santarém, inviabiliza a entrada dos produtos dos 06 Grupos do Programa nesse mercado. O caminho alternativo a se percorrer está na

participação frequentes de feiras municipais e exposições, e nas parcerias com as Secretarias Municipais e Estaduais de Turismo e Cultura e outras afins, para a inserção em mercados relacionados ao turismo, atividade crescente na região. Outra possibilidade alternativa são as criações de espaços ou pontos de referência em cultura local nas principais cidades da região, atrelados ao viés da etnoconservação, com o apoio das diversas instâncias de governo, incentivando a formação de cooperativas familiares na dinamização e comercialização de produtos regionais nos centros urbanos.

O atual nível de comercialização dos Grupos apresenta um decréscimo, utilizando como parâmetro o ano de 2011. No ano de 2012, o Grupo TucumARTE recebeu um número menor de pedidos, o que implicará uma redução no volume normalmente comercializado no decorrer do ano, em outros três grupos essa situação deve se repetir. Esse quadro requer uma análise, não objetivada por este estudo, para conhecer suas causas. Entretanto, pode-se considerar que a comercialização de produtos confeccionados pelos grupos integrantes do Programa vem cumprindo o papel de gerar uma renda complementar às famílias dos artesãos.

Esse artesanato da cestaria em palha de tucumã tem raízes tradicionais e pode ser considerado uma alternativa para o desenvolvimento local e territorial. A geração de renda complementar proposta pelo Programa Artesanato da Floresta valoriza as relações de gênero nas comunidades, visto que os Grupos são constituídos e administrados por mulheres em sua maioria.

Considerando todos os aspectos apresentados no presente trabalho e a concepção sobre ecodesenvolvimento elaborada por Sachs (1993), o Programa Artesanato da Floresta, desenvolvido pelo Projeto Saúde & Alegria, será considerado um modelo sustentável de geração de renda para comunidades amazônicas, quando suprir as lacunas resultantes de questões práticas com o manejo das matérias-primas e com o protagonismo comercial dos Grupos de Artesãos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Juliana Spoladore. **Tingimento Natural – Uma pesquisa para a indústria**. 2009. 60f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

AMORIM, Maria Terezinha dos Santos. **Santarém: uma síntese histórica**. Santarém, PA: Editora da ULBRA, 2000. 254 p.

AVIDOS, Maria Fernanda Diniz; FERREIRA, Lucas Tadeu. Frutos dos Cerrados: Preservação gera muitos frutos. **Revista Biotecnologia, Ciência e Desenvolvimento**. Brasília, n.15, p. 36 - 41mês/2000.

BANERJEE, Subhabrata. Quem sustenta o desenvolvimento de quem? O desenvolvimento sustentável e a reinvenção da natureza. In: FERNANDES, Marcionila & GUERRA Lemuel (Orgs.). **Contradiscorso do desenvolvimento sustentável**. 2ª ed. Revisada. Belém, PA, 2006. p. 77-128.

BORELLI, Dario Luis. Aziz Ab'Sáber: problemas da Amazônia brasileira. **Estud. av.**, São Paulo, v. 19, n. 53, Apr. 2005. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142005000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000100002&lng=en&nrm=iso) Acesso em fevereiro de 2013.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário, Ministério do Meio Ambiente, Ministério de Desenvolvimento Social. **Plano Nacional da Sociobiodiversidade** Brasília, 2009. 21p.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Mapa da Cobertura Vegetal**. 2006. Disponível em <[http://mapas.mma.gov.br/geodados/brasil/vegetacao/vegetacao\\_2002/amazonia/mapas\\_pdf/vegetacao/mosaico/mosaico\\_a0.pdf](http://mapas.mma.gov.br/geodados/brasil/vegetacao/vegetacao_2002/amazonia/mapas_pdf/vegetacao/mosaico/mosaico_a0.pdf)> Acesso em julho de 2008.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Quarto relatório nacional para a Convenção sobre Diversidade Biológica: Brasil**. Brasília: MMA, 2011. 248 p.

CAPOBIANCO, João Paulo; MOREIRA, Adriana; PINTO, Luiz Paulo; SANTOS, Iza dos; SAWYER, Donald; VERÍSSIMO, Adalberto. **Biodiversidade na Amazônia Brasileira: Avaliação de ações prioritárias para conservação, uso sustentável e**

**repartição de benefícios.** São Paulo: Estação Liberdade, Instituto Socioambiental, 2001. 540p.

CECHIN, Andrei. Energia e Desenvolvimento Sustentável. In:\_\_\_\_\_. **A natureza como limite da economia: a contribuição de Nicholas Georgescu-Roegen.** São Paulo: Editora SENAC São Paulo/Edusp, 2010. cap.5.

GRUPO TUCUMARTE. **Plano de Manejo do tucumã (*Astrocaryum vulgare*, Mart.):** comunidade de Urucureá, Rio Arapiuns. Santarém, PA: 2009

HAFFER, Jürgen; PRANCE, Ghilleen. T. Impulsos climáticos da evolução na Amazônia durante o Cenozóico: sobre a teoria dos Refúgios da diferenciação biótica. **Estudos Avançados.** São Paulo, v. 16, n. 46, dez. 2002. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-4014200200030014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-4014200200030014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 13 de fevereiro de 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Brasil). **Censo 2010: população indígena:** 2010. Disponível em <[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Uwp6EV0T6uUJ:www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php%3Fid\\_noticia%3D2194%26id\\_pagina%3D1+popula%C3%A7%C3%A3o+ind%C3%ADgena+Brasil&cd=5&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Uwp6EV0T6uUJ:www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php%3Fid_noticia%3D2194%26id_pagina%3D1+popula%C3%A7%C3%A3o+ind%C3%ADgena+Brasil&cd=5&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)>. Acesso em 12 de novembro de 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Brasil). **Mapa de Biomas do Brasil:** 2004. Disponível em <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php%3Fid\\_noticia%3D169+A+Amaz%C3%93nia+%C3%A9+o+maior+bioma+brasileiro+IBGE+2004&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php%3Fid_noticia%3D169+A+Amaz%C3%93nia+%C3%A9+o+maior+bioma+brasileiro+IBGE+2004&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk)>. Acesso em 12 de novembro de 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Brasil). **Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura – 2010:** 2010. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pevs/2010/comentario.pdf>> Acesso em março de 2012.

LEFF, Enrique. **Discursos Sustentáveis.** Tradução Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2010. 293p.

MALUF, Renato S. Atribuindo sentido (s) à noção de desenvolvimento econômico. **Estudos sociedade e agricultura.** Rio de Janeiro, n.15. Out. 2000: p. 53-86.

NAKAZONO, Erika Matsuno. **O empreendimento local do artesanato em fibras vegetais, Amazônia Brasileira**. 2007. 309 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Belém, 2007.

OLIVEIRA, Maria do Socorro Padilha de; COUTURIER, Guy; BESERRA, Paulo. Biologia da polinização da palmeira tucumã (*Astrocaryum vulgare* Mart.) em Belém, Pará, Brasil. **Acta Botânica Brasileira**, São Paulo, v. 17, n. 3, Set. 2003. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-33062003000300002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-33062003000300002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em outubro de 2012.

PARÁ (Estado). Instituto de Desenvolvimento Florestal do Estado do Pará – IDEFLOR. **Estudo das Cadeias de Comercialização de Produtos Florestais Não Madeireiros**. Pará, 2011. Disponível <<http://www.ideflor.pa.gov.br/?q=node/808>>. Acesso em 12 de agosto de 2012.

PINTO, Andréia. AMARAL, Paulo. GAIA, Carolina. OLIVEIRA, Wanderléia. **Boas Práticas para Manejo Florestal e Agroindustrial – Produtos Florestais Não Madeireiros**. Belém: IMAZON e SEBRAE, 2010. 180p.

PROJETO SAÚDE & ALEGRIA. **Catálogo Tramas & Cores**. Santarém, PA: 2012.

\_\_\_\_\_. **Manual Artesanato da Floresta**. Santarém, PA: 2010a.

\_\_\_\_\_. **Planejamento Geral SAÚDE & ALEGRIA**. Santarém, PA: 2007.

\_\_\_\_\_. **Planejamento Geral SAÚDE & ALEGRIA**. Santarém, PA: 2008a.

\_\_\_\_\_. **Relatório de atividades: 2ª rodada de diagnóstico das comunidades interessadas no projeto de expansão da cestaria em palha de tucumã**. Santarém, PA: 2008b.

\_\_\_\_\_. **Relatório de atividades: oficina de design e criação de peças das linhas produtos**. Santarém, PA: 2008c.

\_\_\_\_\_. **Relatório de atividades: oficina de design e criação de peças das linhas produtos**. Santarém, PA: 2009a

\_\_\_\_\_. **Relatório de atividades: oficina de design e criação de peças das linhas produtos**. Santarém, PA: 2010b.

\_\_\_\_\_. **Relatório de atividades:** oficinas de gestão e elaboração do regimento interno do Grupos de Artesanato. Santarém, PA: 2009b.

\_\_\_\_\_. **Relatório de atividades:** oficinas de pigmentação natural da palha do tucumã. Santarém, PA: 2008d.

SACHS, Ignacy. Estratégias de Transição para o Século XXI. In: BURSZTYN, Marcel (Org.). **Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo, SP: Ed. Brasiliense, 1993. p.29-56.

SOARES, Eduardo S. **Desafios, Resultados, Ameaças e Oportunidades em uma Unidade de Conservação na Amazônia: “A Floresta Nacional do Tapajós”**. IBAMA-ProManejo. Manaus :2004. 153p.

SOUSA, Marília.J.S. Etnografia da produção de artefatos e artesanatos em comunidades da Reserva de Desenvolvimento Amanã – Médio Solimões. **UAKARI**, v.5, n.1, p.21-37, jun.2009.

UICN, WWF-BRASIL e IPÊ. **Biodiversidade Brasileira: análise de situação e oportunidades, documento-base**. Brasília, DF: UICN, WWF-BRASIL e IPÊ, 2011. 72p.

WICKENS, Gerald E. Management issues for development of non-timber forest products. **Unasylva** (FAO – Food e Agriculture Organization of the United Nations, Forest products), [S.l.], vol.42, nº1651, p.3-8. 1991.

## APÊNDICE

**APÊNDICE A**

**Questionário**

**Santarém – Lago Grande**

Comunidade:

**1. Características familiares**

**1.1** Quantas pessoas moram nesta casa? \_\_\_\_\_

**Preencher idade, sexo e marcar um X na escolaridade.**

Idade	Sexo M/F	Sem escolaridade	Pré- escol a	1ª a 4ª E.F	5ª a 8ª E.F	E.M Com p.	E.M Inc.	Super ior

(... = continua.../ (2ª) = até a 2ª série)

**1.2** Quais destes meios de transporte são próprios da família?

**(Pode marcar mais do que um item)**

- Barco  
 Canoa  
 Rabeta  
 Bicicleta  
 Moto  
 Outro. Qual \_\_\_\_\_  
 Nenhum

**2. Casa/ Água/ Saneamento**

**2.1** Sua casa é feita principalmente de... (referente às paredes):

- ...tijolo/alvenaria  
 ...tijolo/alvenaria e madeira  
 ...taipa  
 ...madeira  
 ...palha  
 ...madeira e palha  
 ...outro: \_\_\_\_\_

**2.2** O telhado da sua casa é feito de...?

- ...palha  
 ...telha de barro  
 ...Brasilit  
 ...outro: \_\_\_\_\_

**2.3** O piso da sua casa é feito de...?

- ...piso batido  
 ...madeira  
 ...cimento

...outro: \_\_\_\_\_

**2.4** Qual é a forma de abastecimento de água utilizada nesta casa?

- Micro-sistema de abastecimento de água  
 Poço  
 Rio/Igarapé  
 Outra. Qual? \_\_\_\_\_

**2.5** A água consumida em sua casa é...?

- ...filtrada  
 ...fervida  
 ...com cloro  
 ...coada  
 ...tratada no sol  
 ...sem tratamento  
 ...outro: \_\_\_\_\_

**2.6** Nesta casa ou no terreno tem sanitário?

- Sim – siga p/ 2.7       Não – passe p/ 2.8

**2.7** O sanitário é feito com...

- ...fossa.  
 ...pedra sanitária.  
 ...madeira.  
 ...outro. Qual? \_\_\_\_\_

**2.8** O lixo desta casa é...

- ...queimado.  
 ...enterrado.  
 ...jogado em terreno baldio.  
 ...outro: Qual? \_\_\_\_\_

**3. Energia**

**3.1** A casa recebe energia da CELPA?

- Sim                                       Não

**3.2** A casa usa energia do gerador da comunidade?

- Sim  
     Se sim,  
     ...usa quantos dias por semana? \_\_\_\_\_ dias  
     ...usa quantas horas por dia? \_\_\_\_\_ horas  
     ...qual é o valor que você paga? \_\_\_\_\_ R\$  
  
 Não

**3.3** A casa tem gerador de energia próprio?

- Sim  
     Se sim,  
     ...usa para quê? \_\_\_\_\_  
     \_\_\_\_\_   
  
     ...gasta quanto com o combustível por mês?  
     \_\_\_\_\_ R\$  
  
 Não

**3.4** Quais os equipamentos e eletrodomésticos existem na sua casa? **(Pode marcar mais do que um item)**

- Motor de cevar mandioca  
 Motosserra  
 Fogão a gás  
 Geladeira  
 Liquidificador  
 Ferro

- ( ) Equipamento de som
- ( ) Rádio a Pilha
- ( ) Televisão
- ( ) Antena parabólica
- ( ) DVD-Player
- ( ) Celular
- ( ) Outros. Quais? \_\_\_\_\_

**3.5** Quais são os outros gastos com energia por mês?

Fontes de energia	Valor total (R\$)
Gás (botijão)	
Pilhas	
Bateria (Carregamento)	
Querosene (p/ lamparina)	
Gasolina (veja também 1.2 e 3.4)	
Diesel (veja também 1.2)	
Velas	
Lenha ( ) comprada ( ) coletada	
Carbureto	
Outra: _____	

**4. Organização**

**4.1** Alguém que mora nesta casa participa de alguma organização comunitária, sindical, religiosa ou outra forma de associação?

- ( ) Sim . Quantas pessoas? \_\_\_\_\_ - siga p/ 4.2
- ( ) Não - passe p/ 5.

**4.2** Qual é o tipo de organização?

Organização	Nº. de	Valor da
( ) Associação Comunitária		
( ) STTR		
( ) Z 20		
( ) Clube de Futebol		
( ) Organização religiosa		
( ) _____		
( ) _____		
( ) _____		

**5. Agricultura**

**5.1** A família tem roçado?

- ( ) Sim  
Se sim, planta o quê? (**marcar na tabela**)

Roçado Planta/ Produto	Mês/ Período da colheita	Consumo próprio	Venda	Renda Anual R\$
( ) Arroz		( )	( )	
( ) Feijão		( )	( )	
( ) Macaxeira		( )	( )	
( ) Mandioca		( )	( )	
( ) Milho		( )	( )	
( ) _____		( )	( )	

( )		( )	( )	
-----	--	-----	-----	--

(a.i. = ano inteiro) - siga p/ 5.2

- ( ) Não - siga p/ 5.10

**5.2** Qual é o tamanho do roçado? (roçado velho e roçado novo)

\_\_\_\_\_ (4 tarefas = 1ha)

**5.3** Onde está localizado o roçado atual?

- ( ) Capoeira baixa ( ) Capoeira média
- ( ) Capoeira alta ( ) Mata

**5.4** Qual é a idade da vegetação da área onde preparou o roçado atual?

+ ou - \_\_\_\_\_ anos

**5.5** Quanto tempo você leva para chegar ao seu roçado?

- ( ) Até 30 minutos - siga p/ 5.7
- ( ) De 30 minutos até 01 hora - siga p/ 5.6
- ( ) De 01 hora até 01 hora e meia - siga p/ 5.6
- ( ) De 01 hora e meia até 02 horas - siga p/ 5.6

**5.6** Quais são as razões para não plantar mais perto?

\_\_\_\_\_

**5.7** A família usa o fogo para fazer o roçado?

- ( ) Sim ( ) Não

**5.8** Quanto tempo a família usa a mesma área para plantar?

- ( ) Até 01 ano
- ( ) Entre 01 e 02 anos
- ( ) Entre 02 e 03 anos
- ( ) Entre 03 e 04 anos
- ( ) Mais de 04 anos

**5.9** Quanto tempo a família deixa descansar uma área antes de começar a plantar de novo?

+ ou - \_\_\_\_\_ anos

**5.10** Você tem conhecimento de alguma prática agroecológica?

- ( ) Sim - siga p/ 5.11 ( ) Não - passe p/ 5.12

**5.11** Você pratica alguma técnica agroecológica?

- ( ) Sim  
Se sim, qual? \_\_\_\_\_

- ( ) Não

**5.12** Você cuida de outras plantas no quintal e/ou na colônia ?

- ( ) Sim.  
Se sim, quais são? (**marcar na tabela**)  
..., você cuida dessas plantas só para consumo próprio ou para a venda também?  
(**marcar na tabela**)

Planta/ Produto	Quintal	Colônia	Mês/ Período da colheita	Consumo próprio	Venda	Renda Anual R\$
( ) Açaí	( )	( )		( )	( )	

<input type="checkbox"/> Bacaba	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Banana	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Cacau	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Café	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Caiú	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Côco	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Cupuaçu	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Goiaba	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Laranja	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Limão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Mamão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Manga	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Maracujá/ Peroba	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Pupunha	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Seringueira	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Tangerina	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Taperebá	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Urucum	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Plantas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Não. Porquê?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

### 5.13 Você estoca/ armazena produtos?

Sim

Se sim, quais?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Como? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Não. Porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

### 6. Criação

#### 6.1 A família possui alguma criação de animais?

Sim - siga p 6.2

Não - passe p/ 7.

#### 6.2 Assinale os tipos e a quantidade de animais existentes

Animal	Quantidade	Consumo próprio	Venda	Renda Anual R\$
<input type="checkbox"/> Galinhas		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
<input type="checkbox"/> Patos		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
<input type="checkbox"/> Porcos		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
<input type="checkbox"/> Bovinos*		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
<input type="checkbox"/> Caprinos		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	

<input type="checkbox"/> Abelhas (caixas)		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
<input type="checkbox"/> Peixes		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	
<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	

\* Se tiver gado, qual é o tamanho da pastagem? \_\_\_\_\_ ha

#### 6.3 Que tipo de ração é usado para alimentar a criação e qual o valor pago por quilo?

Tipo	Origem		Valor por quilo (R\$)	Valor por mês (R\$)
	Produzida na comunidade	Comprada (Industrializada)		
<input type="checkbox"/> Arroz	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		
<input type="checkbox"/> Milho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>		

**7. Extrativismo**

Tem membros da sua família que coletam ou extraem produtos da floresta? **(Registre na tabela)**

( ) Sim

Se sim, quais são os produtos coletados ou extraídos da floresta?

...em que mês/ período recolhe?

...recolhe para consumo próprio?

...vende o(s) produto(s)?

Se sim, quanto ganha com essa atividade? \_\_\_\_\_ R\$

Planta/ Produto	Mês/ Período da colheita	Consumo próprio	Venda	Renda AnualR \$
( ) Amapá		( )	( )	
( ) Andiroba (óleo)		( )	( )	
( ) Breu		( )	( )	
( ) Castanha		( )	( )	
( ) Copaíba (óleo)		( )	( )	
( ) Cumarú		( )	( )	
( ) Madeira		( )	( )	
( ) Mel		( )	( )	
( ) Palha de Curuá		( )	( )	
( ) Seringueira		( )	( )	
( ) Sucuúba		( )	( )	
( ) Tucumã (palha)		( )	( )	
( ) Tucumã (sem.)		( )	( )	
( ) _____		( )	( )	
( ) _____		( )	( )	
( ) _____		( )	( )	
<b>Frutas:</b>				
( ) Açai		( )	( )	
( ) Bacaba		( )	( )	
( ) Buriti		( )	( )	
( ) Curuá		( )	( )	
( ) Inajá		( )	( )	
( ) Piquiá		( )	( )	
( ) Uxi		( )	( )	
( ) _____		( )	( )	
( ) _____		( )	( )	
( ) _____		( )	( )	
( ) _____		( )	( )	

( ) Não

**8. Características econômicas**

**8.1** Algum membro da família (só núcleo familiar) tem ou mantém uma casa na cidade?

( ) Sim

Se sim, é uma casa própria ou é uma casa alugada?

( ) Casa própria

( ) Casa alugada

( ) Não

**8.2** Tem familiares que passam (a viver) um tempo na cidade?

( ) Sim

( ) Não – *passar p/ 9.4*

**8.3** Qual é a atividade principal desse(s) membro(s) na cidade?

➤ Tem um emprego?

( ) Sim

Se sim, faz o quê? \_\_\_\_\_

( ) Não

➤ Trabalha como autônomo?

( ) Sim

Se sim, trabalha com quê? \_\_\_\_\_

( ) Não

➤ Vende produtos (familiares)?

( ) Sim

Se sim, quais? \_\_\_\_\_

( ) Não

➤ Estuda?

( ) Sim

( ) Não

➤ Ou passa na cidade por outra razão?

( ) Sim. Qual?

( ) Consulta médica

( ) Visita (de familiares)

( ) Outra: \_\_\_\_\_

( ) Não

**8.4** A família tem rendimentos mensais vindos de...

➤ ...um emprego?

( ) Sim

Se sim, quantos empregos são? \_\_\_\_\_

..., quem da família tem emprego?

..., faz o quê? \_\_\_\_\_

..., quanto ganha? \_\_\_\_\_ R\$

( ) Não

➤ ...trabalho como autônomo?

( ) Sim

Se sim, quantos trabalhos? \_\_\_\_\_

...quem da família trabalha como autônomo?

... trabalha com quê? \_\_\_\_\_

..., quanto ganha? \_\_\_\_\_ R\$

( ) Não

➤ ...de nenhum dos anteriores?

( ) Sim

**8.5 A família recebe benefícios mensais vindos de...?  
(Pode marcar mais do que um item)**

Benefício	Valor	Quem da família
<input type="checkbox"/> Bolsa família?	R\$ _____	
<input type="checkbox"/> Aposentadoria/pensão?	R\$ _____	
<input type="checkbox"/> Auxílio doença?	R\$ _____	
<input type="checkbox"/> Defeso?	R\$ _____	
<input type="checkbox"/> Seguro desemprego?	R\$ _____	
<input type="checkbox"/> Nenhum dos anteriores		

**8.6 A família ganha rendimentos mensais vindos de...?  
(Pode marcar mais do que um item)**

Rendimentos mensais	Valor	Quem da família
<input type="checkbox"/> ...agricultura? <i>(veja 5.1, 5.12 e 5.13)</i>	R\$ _____	
<input type="checkbox"/> ...criação de animais? <i>(veja 6.2)</i>	R\$ _____	
<input type="checkbox"/> ...pecuária (gado/porco)? <i>(veja 6.2)</i>	R\$ _____	
<input type="checkbox"/> ...extrativismo? <i>(veja 7.)</i>	R\$ _____	
<input type="checkbox"/> ...pesca/caça? <i>(veja 8.)</i>	R\$ _____	
<input type="checkbox"/> ...artesanato?*	R\$ _____	
<input type="checkbox"/> ...ecoturismo?*	R\$ _____	
<input type="checkbox"/> ...comércio?	R\$ _____	
<input type="checkbox"/> ...serviço prestado?	R\$ _____	
<input type="checkbox"/> ...outra atividade?	R\$ _____	
<input type="checkbox"/> ...familiares que trabalham na cidade? <i>(veja 9.3)</i>	R\$ _____	
<input type="checkbox"/> ...nenhum dos anteriores		

\* Se tiver rendimentos vindos de artesanato, de que tipo é?

- Cestaria  
 Bijouteria ou bijóia  
 Madeira  
 Outras: \_\_\_\_\_

\*\* Se tiver rendimentos vindos de ecoturismo, quais são as atividades?

- Condutor  
 Canoeiro  
 Preparar refeições  
 Outras: \_\_\_\_\_

**8.7 Qual é a renda mensal da sua família, somando os ganhos de todos os moradores?  
(9.4 + 9.5 + 9.6) R\$ \_\_\_\_\_**

**8.8 Quais são as despesas da família por mês? (Como é usada a renda monetária?)**

Alimentação	R\$ _____
Moradia (reformas etc.)	R\$ _____
Vestuário	R\$ _____
Saúde	R\$ _____
Educação	R\$ _____
Transporte	R\$ _____
Água	R\$ _____
Ração/ Alimento para animais <i>(veja 6.3)</i>	R\$ _____
Energia <i>(veja 3.6)</i>	R\$ _____
Contribuições <i>(veja 4.2)</i>	R\$ _____

Lazer	R\$ _____
Outras: _____	R\$ _____
<b>Soma</b>	<b>R\$ _____</b>

**8.9 Você fica com algum dinheiro no final do mês?**  
 Sim  Não

**Entrevistado(a):** \_\_\_\_\_

**Endereço/ponto de referência:** \_\_\_\_\_

**Muito obrigado(a) por sua participação na pesquisa!  
Tenha um bom dia!**

**Termo de Consentimento informado**

Esta Pesquisa visa analisar a atual situação social, econômica e ambiental dos membros do Grupo de Artesanato. A intenção é com os resultados obtidos através desta coleta de dados, realizar um estudo, como parte da conclusão do Curso de Especialização em Sociedade, Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável.

Seu nome será mantido no mais rigoroso sigilo, não sendo divulgado em nenhum trabalho escrito ou publicação, garantindo assim seu total anonimato.

Sua participação nesta pesquisa é voluntária, se você decidir não mais participar, tem total liberdade de fazê-lo. No entanto, gostaria de informá-lo que sua participação é muito importante para a análise do estudo proposto.

Obrigado(a) por sua participação,

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

Entrevistador(a) responsável pelo domicílio

Aceito participar da pesquisa

Assinatura do(a) Entrevistado(a)